N.º 7 ★ 15-2-51

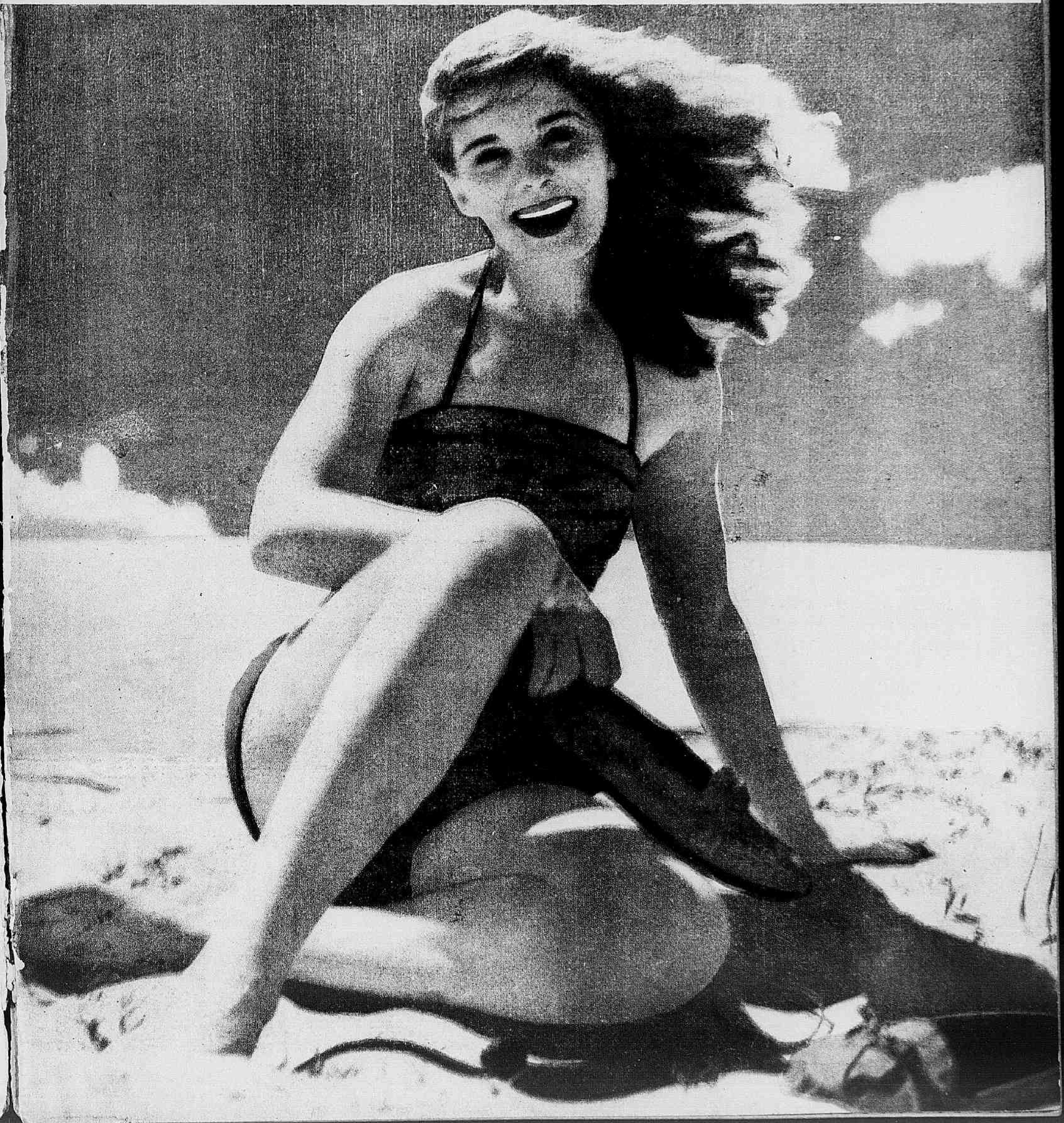
Cr$ 3,00

em todo Brasil


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

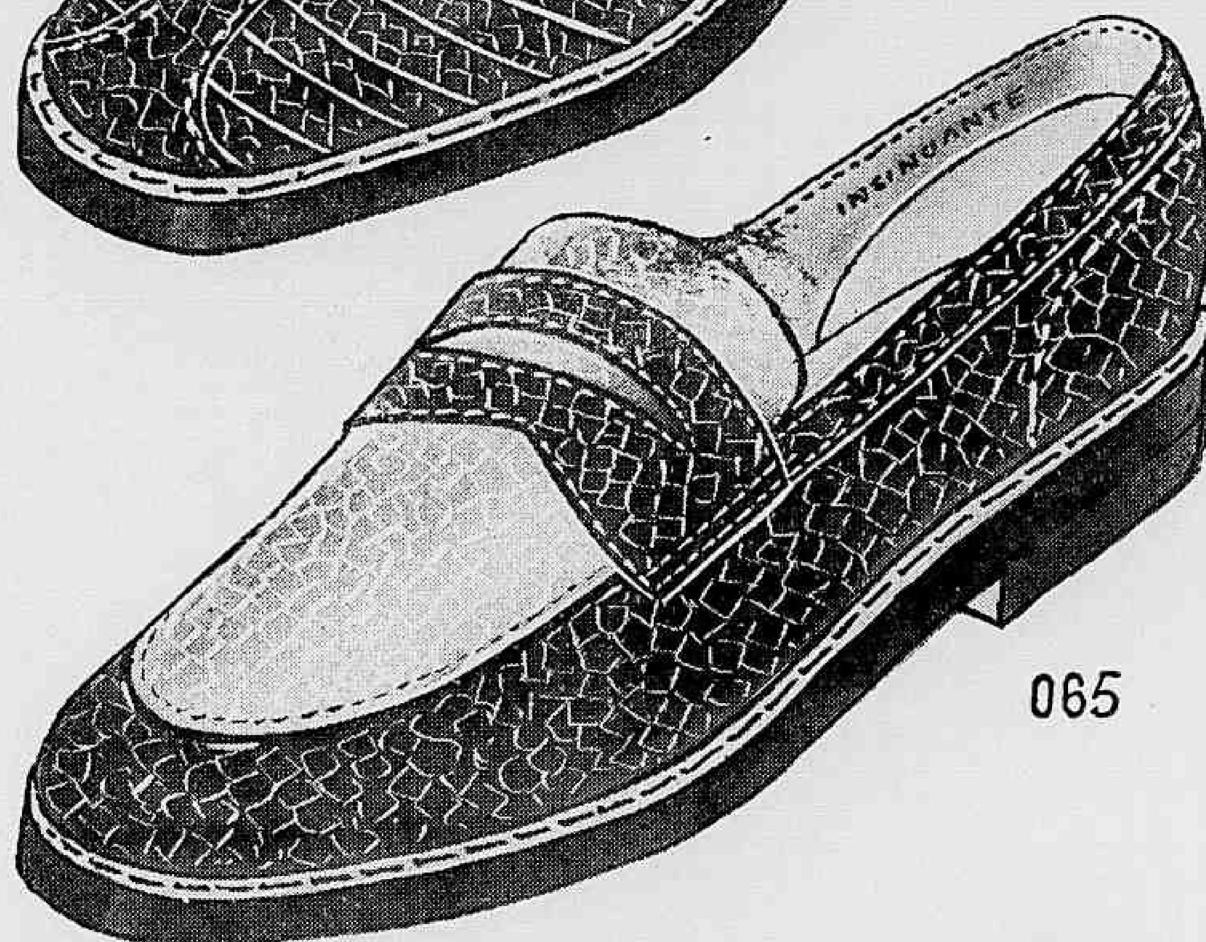
A CENA muda

RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
VARIEDADES



COMPRAR POR MENOS
É HUMANO! MAS,...
...POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE IMPOSSIVEL!





064 — Cr$ 98,00. Ótimo sapato-sandália, estampado vinho, com salto de borracha. 100 % másculo. Numeração de 36 a 44.

065 — Cr$ 98,00. Formidável sapato marron c/branco para êste verão com salto de borracha. Numeração de 36 a 44.

Não trabalhamos com reembôlso postal. Remetemos para todo o Brasil, porte 5 cruzeiros.

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA, É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG.

A CENA Muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.º 7, de
15 de fevereiro de 1951

★

S U M A R I O

Rossellini, o diretor proibido (Leon Eliachar) 3
Disney, à procura do maravilhoso. 4
Gata Borralheira (resumo)... 5
Antonieta Morineau, tem sangue de artista (Alfredo Palácios) 6
Os conselheiros do rádio (Armando Migueis) 8
A escrava do pecado (resumo) 10
Correio do fã 11
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 12
A Malvada (cine-romance).... 13
Ezio Pinza, o novo ídolo de Hollywood 16
A Moda em Hollywood 18
Morreu Shirley Temple (Antônio Rocha) 18
Corine Calvet (close-up)...... 25
Diretor em ação 28
René Clement 29
Telas da cidade 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo Cunha) 33
Pausa para meditação 34

C A P A :

MARIA DELLA COSTA

★

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.



ROSSELLINI,
O DIRETOR PROIBIDO

FOI com a exibição de "Roma, Cidade Aberta" que o nome de Roberto Rossellini foi projetado e consagrado nas telas internacionais. Vigoroso, violento, dotado de um estilo próprio, revolucionou as teorias cinematográficas, apresentando uma espécie de filme-reportagem. Sem seguir pròpriamente a escola dos chamados filmes semi-documentários, Rossellini, à falta de recursos técnicos e ainda sob as conseqüências da guerra, muniu-se de uma câmara e saiu a filmar pelas ruas, onde sua máquina, sempre atenta a captar os menores detalhes, fixava no celulóide a realidade tal como ela é, sem aparatos e sem rodeios, sem esmêro e sem o cuidado exagerado que se requer dentro dos estúdios, onde os refletores e a argúcia da técnica deturpam a verdade no afã de glamurizá-la, tornando-a falsa. "Roma, Cidade Aberta", por isso mesmo, bateu recórdes de bilheteria em tôdas as partes do mundo. Era um grito sufocante dos oprimidos italianos que Rossellini transformou magnìficamente num amontoado de imagens. Sem roteiro, sem diretrizes teóricas prèviamente traçadas, a não ser um esbôço daquilo que pretendia apresentar, Rossellini incluía em seu argumento fatos previstos e imprevistos, dando um cunho de veracidade absoluta à sua história, criando assim, um estilo próprio e que viria, sem dúvida, motivar polêmicas e discussões. De um lado, os críticos que condenavam o seu trabalho, taxando-o de anticinematográfico, pois Rossellini desrespeitava as regras do "bom cinema"; do outro, o grupo dos que aplaudiam a sua audácia, a sua capacidade esmagadora de realização, a sua visão cinematográfica sem limites, o resultado, enfim, de uma série de observações que sua câmara, viva e eloqüente, engolia vorazmente, com todos os detalhes reais. Isso foi em 1944. Em 46, Rossellini terminava "Paisà", uma história autêntica, real, seguidora do mesmo estilo que êle havia criado por fôrça das circunstâncias. Rossellini era um homem livre, e encontrava no cinema não uma forma de expressar suas idéias cercadas por teorias e leis, mas uma arte com a qual pudesse transmitir seu pensamento como bem entendesse. "Paisà" também causou polêmicas, foi muito discutido. Mas, Rossellini, a pouco e pouco, vencia as barreiras dogmáticas, encontrando seguidores imediatos de sua concepção revolucionária. Seu nome passou a encabeçar a lista dos poucos diretores conceituados em todo o mundo.

Seu romance inesperado com a atriz Ingrid Bergman deu-lhe fama e cartaz entre as massas menos prevenidas. Fãs de astros de segunda categoria, admiradores de Peter Lawford, Cornel Wilde e Betty Grable, passaram a admirá-lo e pronunciar o seu nome. Ficou sendo, talvez, o diretor mais conhecido em todo o mundo. Seus filmes eram anunciados como "a obra de Rossellini", e isso era caso inédito nos anais da publicidade cinematográfica, onde os diretores, com raras exceções, vêem seus nomes impressos com letras garrafais. Rossellini não desprezou a oportunidade. Independente de enfrentar os problemas e dificuldades que impediam a estabilização de sua vida particular, sua luta e seus ideais continuavam sua trajetória na tela, sem se intimidar com os ataques que alguns poucos insistiam em lhe fazer. Nem por isso interrompeu as filmagens de "Stromboli", do qual sua atual espôsa, Ingrid Bergman, era a atriz principal. Nessa época, uma severa campanha perseguia insistentemente a estrêla sueca; Rossellini foi envolvido. Depois de terminada a película, e apesar da grande publicidade que o escândalo iria provocar, a crítica americana não lhe poupou adjetivos desqualificativos. Mas, acontece que Rossellini não reconhecia como sua a película exibida nos Estados Unidos, feita por montadores americanos, uma vez que a versão original foi premiada pelos criteriosos críticos italianos como o melhor filme de 1949, acima mesmo do famoso "Ladrões de Bicicletas", de de Sicca. Infelizmente, a versão exibida no Brasil, e em muitos outros países, foi a montada na América. Política bem urdida para desmoralizar o diretor italiano. Porque a campanha que tentava prejudicar a situação moral de Ingrid Bergman estendia-se agora à carreira de seu espôso.

Rossellini não parou. Terminou mais três filmes: "Alemanha, Ano Zero", "Francisco de Assis" e "O Milagre". Dos três, apenas "Francisco de Assis" foi recebido com restrições pela crítica, sendo os outros dois considerados excelentes. E, talvez por isso, tenha havido barreiras para a sua exibição fora da Europa, especialmente "O Milagre", que aborda um tema audacioso, e que foi criminosamente proibido de ser exibido para o público nos Estados Unidos, apesar do protesto da imprensa.

Entre dois motivos colocamos a nossa indecisão em face de tal atitude: ignorância da Censura ou perseguição da Igreja. De qualquer forma, ambas as razões convergem para o mesmo fim — prejudicar o prestígio de Rossellini, que se torna assim um "diretor proibido". Mas, Rossellini continua a filmar — pois sabe perfeitamente que algum dia suas obras serão vistas e aplaudidas pelo mundo inteiro. Porque "bom cinema" não depende de épocas; é coisa que atravessa distâncias e vence a ação devoradora dos tempos.

leon eliachar



Walt Disney sempre à procura do maravilhoso...

VISITAR os estúdios de Walt Disney em Hollywood, é como que seguir as pegadas de «Alice no País das Maravilhas» — aliás uma história que sempre fascinou o mago do desenho animado e que é assunto de uma das suas novas produções, em longa metragem.

Como se sabe, Disney acaba de realizar algo no cinema que transcende os seus próprios métodos de criação e de trabalho, e que vem sendo objeto de aplausos delirantes das platéias européias e de outros continentes. Trata-se do seu primeiro filme todo feito com artistas humanos, sem nenhuma colaboração do seu lapis ágil, inventivo e, quase sempre, deliciosamente travêsso. Êsse filme é «A Ilha do Tesouro» (Treasure Island), em tecnicolor, feito na Inglaterra e inspirado no célebre livro de Robert L. Stevenson, cujo centenário de nascimento a Escócia, seu torrão natal, e todo o mundo internacional das letras comemoraram condignamente em novembro último. Bobby Driscoll, o admirável ator infantil de «Ninguém Crê em Mim» (The Window), vive ali o papel de Jim Hawkins, o heróico e pequenino personagem adorado por tôdas as crianças do universo, e até pelos adultos amigos das aventuras nos mares e ilhas perdidas...

Antes disso, porém, dessa tentativa que é já uma consagração geral para Disney, filmara êle, dentro do seu estilo habitual, uma outra lenda, tão ou mais maravilhosa ainda que «Branca de Neve e os 7 Anões», pois assim dizem tôdas as críticas americanas e de outras nações onde já foi lançada essa nova obra-prima em desenhos, dotada de lindos coloridos e belas músicas: «A Gata Borralheira» (Cinderella). Narrando a velha e imortal história da menina sacrificada pela madrasta, Disney ajuntou novos tipos ao fantástico elenco, entre os quais os ratinhos Jaq e Tatá, um magro e outro gorducho. Fazem êles parte de uma família de ratos que Cinderella protege, são seus amigos e a ajudam, nas sequências finais, quando a madrasta a fecha a chave, a fim de que a jovem não possa provar o sapatinho de vidro e vir a tornar-se a noiva do príncipe... São Jaq e Tatá que roubam a chave da madrasta e dão liberdade a Cinderella. Outra «trouvaille» do filme é a Fada Madrinha da Gata Borralheira. Disney se afasta aqui da tradição: a fada em vez de ser a figura clássica da mulher bela, de longos cabelos louros — é uma senhora idosa, rechonchuda e completamente esquecida. Na hora de fazer a mágica, que transformará a abobora na carruagem de luxo, os ratinhos nos cavalos, o cachorro no lacaio, e o cavalo no cocheiro — ela não pôde encontrar a varinha de condão e se esquece das palavras mágicas... Com dificuldade (e comicidade) finalmente resolve ambas as coisas. Esta sequência do filme é uma das mais encantadoras, pela novidade de personagens, pela fantasia, e pela música e canção que a acompanham.

Além dessas produções maiores, Disney continua a produzir muitas outras, de variados tamanhos e abordando temas diversos: 18 filmes anuais, de curta metragem, com o Pato Donald, Mickey Mouse, Pluto e o Pateta; 2 ou 3 mais, igualmente curtos, considerados especiais, a exemplo de «The Brave Engineer» e «Maurice, the Moose»; uma série de filmes intitulada «Aventuras da vida real», fotografados ao natural, mostrando os pitorescos de certos assuntos da natureza, pouco conhecidos, como «A Ilha das Focas», fotografado inteiramente nas ilhas Pribiloff, no Mar de Bhering. «O Vale dos Castores», «A pesca do Salmão», «A vida dos Esquimáus» e «Rio Colorado».

Quanto aos seus próximos filmes de longa metragem, podemos adiantar que um dêles é «Peter Pan», da notória obra de James Barrie, além do já citado «Alice no país das maravilhas».



"A GATA BORRALHEIRA"

O filme começa com um prologo, apresentando o livro «A Gata Borralheira». A cena dissolve-se, aparecendo o pequeno quarto da tôrre de um grande «château», onde os pássaros acordam a Cinderella. A despeito da sua infeliz situação, como criada da cruel madrasta, ela canta «A Dream Is a Wish Your Heart Makes», acompanhada por seus leais amigos, os passarinhos e os ratos caseiros. Antes de terminar, há um clamor em baixo pelos seus serviços: uma interminável confusão de tarefas, rancorosamente determinadas. Nessas cenas, Lúcifer, o grande e gordo gato, revela-se como o co-vilão da história e mortal inimigo dos cavalheirescos ratinhos...

No palácio real, o Rei e o Grão-Duque discutem a respeito do jovem príncipe, que acham estar em idade de casar. O solitário Rei, anhelando por netos, planeja um baile, para o qual tôdas as donzelas elegíveis do reino serão convidadas, na esperança de que o Príncipe Encantador encontre uma noiva.

Quando o convite chega, ao «chateau», onde habita Cinderella lembra à arrogante madrasta que ela, também, é «elegivel»... A madrasta, ardilosamente, concorda, opondo certos senões. Uma das cláusulas é que a Gata Borralheira deverá arranjar algo decente para vestir. Alegremente a jovem trabalha, remodelando um dos vestidos de festa, da própria mãe. Os ratos, vendo que ela não terminará o vestido em tempo, decidem alterá-lo, como surprêsa. E' um vestido maravilhoso... mas no último momento, as filhas da madrasta o põem em frangalhos, quando descobrem nele algumas das fitas e contas que tinham jogado fora. Desesperada, a jovem corre para o jardim. Ali, a Boa Fada desce de uma nuvem e, com alguns passes de sua varinha de condão, transforma uma abobora numa carruagem, e os trapos da Gata Borralheira num resplendente vestido de baile, adornado de pedras preciosas. Os ratos são transformados em cavalos... e partem para o palácio.

(CINDERELLA)

Distribuição da RKO Radio Filmes
Tecnicolor

Produção de Walt Disney

Supervisor — Ben Sharpsteen

Diretores — Wilfred Jackson, Hamilton Luske e Clyde Geronomi

HISTÓRIA BASEADA NO CONTO DE CHARLES PERRAULT

Tempo de projeção: 75 minutos

«DOUBLAGE» EM PORTUGUÊS com **Simone Morais, Jorge Goulart, Tina Vita, José Vasconcelos, Olga Nobre, Suzi Kirby, Ema D'Avila, Carlos Maia, Nuno Roland, Paulo Tapajós, Albertinho Fortuna e Heleninha Costa.**

A meia-noite, como lhe foi avisado, quebra-se o encanto. Por essa ocasião, o Príncipe Encantador, já se apaixonou por Cinderella, que retribui o seu amor. Não querendo que o Príncipe a veja em sua condição miserável, grata pela breve hora de felicidade, a jovem foge, perdendo a sandália de vidro, na grande escadaria.

O príncipe, com o coração despedaçado, insiste que não se casará com outra. O Rei, recriminando o Grão Duque, por deixar a jovem escapar, sem mesmo ter sabido a sua identidade, ordena-lhe dar uma busca no reino, procurando pela donzela que possa usar a sandália de vidro.

Quando o Grão Duque chega ao «chateau» a perfida madrasta tem Cinderella encerrada no pequeno quarto da torre, para que não possa competir com suas filhas. Os valentes ratinhos e Bruno, o cão, conseguem libertá-la, e Cinderella desce para a experiência, no momento exato em que o emissário do Rei vai se retirando. A madrasta consegue despedaçar a sandália, mas a Gata Borralheira apresenta o outro pé.

Cinderella, segue triunfalmente para o palácio, onde se casa com com o Príncipe Encantador, numa cerimônia deslumbrante. O feliz casal afasta-se, na carruagem real. Quando Cinderella recebe o seu beijo de noiva, a cena desvanece-se, aparecendo novamente o livro, que du fórma ativa à história.



ANTONIETA MORINEAU
TEM SANGUE DE ARTISTA

ALFREDO PALACIOS

QUANDO Madame Morineau — a condecorada Henriette Morineau — desembarcou no cais do pôrto do Rio de Janeiro, sentiu que respirava o ar que sua alma necessitava e pressentiu que ia ficar no Brasil para sempre...

A Europa conturbada, tão repleta de complexos problemas, não a atraía mais. E, se pressentira, o desejo mais se fixou quando entrou em contacto com o povo carioca e o brasileiro dos demais Estados, em suas "tournées" teatrais. E aqui instalou seu lar e aqui nasceu sua filha Antonieta. Suas atividades artísticas impediram Henriette de ter sua filhinha junto de si e por isso foi a pequena estudar no Colégio Sion, na Capital Federal.

Os anos se passaram. Antonieta já era uma senhorita Falava corretamente o francês, inglês, espanhol, e tinha completado o seu curso de humanidades. E, agora, que fazer? Henriette, que tentara afastar Antonieta do palco, nem por sombra sonhava que, nas noites insones de menina-moça, sua filha lia Rostand no original e declamava l'Aiglon de tal maneira que faria inveja a uma Bernhard.

E' Antonieta quem nos conta:

— "Quando declarei a mamãe que meu desejo era ser artista, sob o véu de um sorriso triste, percebi que a notícia não a desagradava. Mas, passada a primeira impressão esclareceu severamente que se fôsse para trabalhar em sua companhia eu teria de ser a mais disciplinada de tôdas as suas subordinadas e que jamais esperasse um pingo de proteção. Meu primeiro papel seria uma "pontinha" e olhe lá. Aconteceu. entretanto, que uma das atrizes deixou inesperadamente a companhia e eu tive uma oportunidade..."

Encaminhou-se para um quadro junto à parede. Nêle havia várias fotos de Henriette Morineau. A jovem estrêla apontou para êle, dizendo:

— "E' a mais adorável das mulheres. Como mãe, admiro-a profundamente, como artista venero-a."

Mas, nós estávamos interessados em saber como Antonieta decidira-se pelo cinema.

Contou-nos, então, que uma noite estava representando com a Cia. de sua mãe "Artistas Unidos", quando viu surgir no seu camarim Henriette, acompanhada de um senhor gordo, com sotaque italiano e que se apresentou como Mário Civelli, produtor da Cinematográfica Maristela. Foi Henriette mesma quem lhe transmitiu os desejos do referido produtor.

— "Minha filha — êsse senhor quer prová-la para o cinema. Quer tentar? Há um papel para você no filme "Presença de Anita", que vão começar ainda êste mês."

Não foi outra a história. Foi simples, como acabamos de reproduzir. E aí está Antonieta Morineau — provando que tem sangue de artista — interpretando o dificílimo papel de Anita, do famoso romance de Mário Donato.

Sôbre a sua experiência cinematográfica, a estrelinha nos conta que:

(Cont. na pág. 26)









CINE - TESTE

Certamente o leitor já deve ter reparado que muito raramente os títulos dos filmes são traduzidos fièlmente para o português. Mas o fã de cinema, com maior ou menor entusiasmo, sempre guarda na memória os títulos originais. Faça, pois, um teste com a sua memória e veja qual a sua classificação, okay? Conte um ponto para cada resposta certa.

Resposta na pág. 26

30 pontos ... Excelente
25 pontos ... ótimo
20 pontos ... Muito bom
15 pontos ... Bom
10 pontos ... Normal
5 pontos ... Já é alguma coisa
1 ponto ... Também, pudera!

QAIS OS TÍTULOS ORIGINAIS?

1—Quatro Destinos (filme americano)
2—Tormento de Uma Glória (filme americano)
3—Cais da Maldição (filme americano)
4—Jim das Selvas (filme americano)
5—A Vênus da Praia (filme americano)
6—Johny Allegro
7—Três estrêlas e um coração (filme americano)
8—A casa da cobiça (filme americano)
9—Legião sinistra (filme americano)
10—Lua de mel com pimenta (filme americano)
11—Mosqueteiros do mal (filme americano)
12—Caprichos da sorte (filme americano)
13—Golpe de Misericórdia (filme americano)
14—A ameaça vermelha (filme americano)
15—O vale da ternura (filme americano)

QUAIS OS TÍTULOS EM PORTUGUÊS?

1—Manon (filme francês)
2—Wagonmaster (filme americano)
3—Perfect Strangers (filme americano)
4—The loves os Carmen (filme americano)
5—Macário contre Zagamôr (filme italiano)
6—Ladri di Biciclette (filme italiano)
7—Martin Rumagnac (filme francês)
8—The Great lover (filme americano)
9—The inspector general (filme americano)
10—Ambush (filme americano)
11—Paid in full (filme americano)
12—Quartet (filme inglês)
13—All the king's men (filme americano)
14—White Heat (filme americano)
15—Caged (filme americano)



Júlio Louzada aumentou em popularidade com «Pausa para Meditação», programa que vai ao ar duas vêzes por dia, tal o número de casos a responder.



Diva Paulo, ao tempo em que comandava «Problemas Sentimentais», através do microfone da Rádio Cruzeiro do Sul. Hoje, não mais existe o cartaz em aprêço.

OS CONSELHEIROS DO RÁDIO

NAS cômodas seções de grafologia, onde corações desesperados buscam uma palavra de esperança, saímos para os programas de conselhos. Senhoras experientes e cavalheiros respeitáveis, num represamento à desgraça alheia, vivem a distribuir, por intermédio do microfone, tôda a sorte de conselhos necessários ao preservamento de uma consciência em conflito. São meninas atormentadas pela complexidade do matrimônio; espôsas traídas rudemente pela leviandade do cônjuge; maridos arrastados à rua da amargura pela infidelidade daquela que levou à pretoria; enfim, todo um exército de almas sofredoras a bater à porta de nossas emissoras na esperança vã de conseguir um remédio para a ferida que lhes sangra a alma.

No início, quando a escola parecia risonha e franca, eram raríssimos os programas estilo "pausa para meditação". A Humanidade andava mais condizente com os princípios da moral cristã, escasseando aquêles que, ante a iminência de uma hecatombe, buscam na palavra dos compenetrados o conselho amigo para a solução do infortúnio que os aflige. Hoje, porém, apesar dos inumeráveis psicanalistas e do predomínio absoluto da doutrina de Freud, as coisas caminham de ruim para pior. Simples consulta ao celebérrimo "livro de ocorrências" dos distritos policiais mostram, claramente, a quanto monta o número de casos de infidelidade conjugal, atentado ao pudor e desencaminhamento de menores. Daí, a super-abundância de conselheiros no "broadcasting" nacional. Os programas dêsse gênero, aliás, multiplicam-se, absorvendo, por incrível que pareça, os melhores horários. As próprias novelas estão perdendo em popularidade, tamanha a procura dos radiouvintes.

"Problemas Sentimentais", da senhora Diva Paulo, foi dos primeiros no gênero. Vivendo modestamente ao microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, sua correspondência era das mais volumosas. Êsse cartaz arrastou-se por anos a fio na onda da PRD-2, sem contudo chamar a atenção do grande público radiouvinte, dado o número limitado de senfilistas dessa estação. Assim mesmo, a senhora Diva Paulo conseguiu reunir material suficiente para a publicação de um livro que, por sinal, recebeu o nome do "broadcast" em aprêço. "Problemas Sentimentais", em seu tempo, contava com o concurso dos componentes do elenco de teatro-cego da Cruzeiro do Sul. No decorrer de 1950, por motivos que desconhecemos, a senhora Diva Paulo transferiu-se com armas e bagagens para a Nacional, ali continuando a manter seus conselhos e confidências, até o apagar das luzes do ano findo.

À essa altura, transferindo-se do sem-fio paulista para o carioca, a senhora Sagramor de Scuvero, com a prática adquirida no convívio com os senfilistas bandeirantes, apresentou-nos, através do microfone da Rádio Mayrink Veiga, um dos mais sólidos programas do gênero. Referimo-nos a "Consultório Sentimental" que, em curto período, se tornou um dos cartazes mais procurados do "broadcasting" carioca, a ponto de servir de ponto de partida para a gigantesca obra de assistência social empreendida pela atual representante do P.T.B. no legislativo da cidade.

"Consultório Sentimental", graças à franqueza e sinceridade das respostas dadas pela senhora Sagramor de Scuvero, abriu margem para novas iniciativas da radialista bandeirante. Baseada no êxito do empreendimento, sem outro qualquer motivo que não o de auxiliar o radiouvinte em suas questões complicadas, a atual exclusiva da Rádio Guanabara lançou "Problemas da sua vida". Ambos os "broadcasts", apesar dos benefícios prestados, sofreram campanhas contrárias, tamanha a amplitude e finalidade dos mesmos. Aliás, atribui-se a presença da senhora Sagramor de Scuvero no parlamento carioca a êsses vitoriosos programas.

Seguindo as pegadas da espôsa de Miguel Gustavo, surgiram outros conselheiros no sem-fio guanabarino. Morreram, porém, em virtude da falta de senso dos seus criadores. E' que êstes ambicionavam cartaz, pouco se interessando pelos problemas dos senfilistas. Dessa maneira, dividindo-se entre as senhoras Diva Paulo e Sagramor de Scuvero, os desesperançados aguardavam que outras vozes se viessem juntar à daquelas esforçadas criaturas. E, não tardou muito.

UM ANUNCIANTE QUER UM PROGRAMA

Absorvido com seus problemas financeiros, que aumentavam ou diminuíam à proporção que os anunciantes soltavam a ambicionada publicidade, o corretor, locutor, radioator e produtor, Roberto Mendes foi bater à porta de um fabricante de tintas, com o propósito de arrancar-lhe alguns cobres para um programa. Êste, homem assás consciencioso e amigo dos radialistas, após discutir as condições do contrato, sapecou o jamegão sôbre a proposta. Dessa maneira, quantos

acompanhavam a atuação de Júlio Louzada ao microfone da Rádio Tamoio, viram-se surpresos com a sua presença à frente de "Pausa para meditação", empreendimento que se propunha a levar uma palavra de confôrto, o auxilio amigo e o esclarecimento útil àquele que se encontrasse em situação dificil.

"Pausa para meditação" pegou. Cartas de todos os lados começaram a chegar aos estúdios da PRB-7. Roberto Mendes, então encarregado de radiofonizá-las, passou a ter seu trabalho aumentado, sem demonstrar aborrecimento por isso. O locutor da "Ave Maria", por sua vez, viu redobrar sua popularidade. Nesse caminhar, diante da volumosa correspondência e dos numerosos casos a tratar, a Rádio Tamoio passou a transmitir o programa duas vêzes por dia.

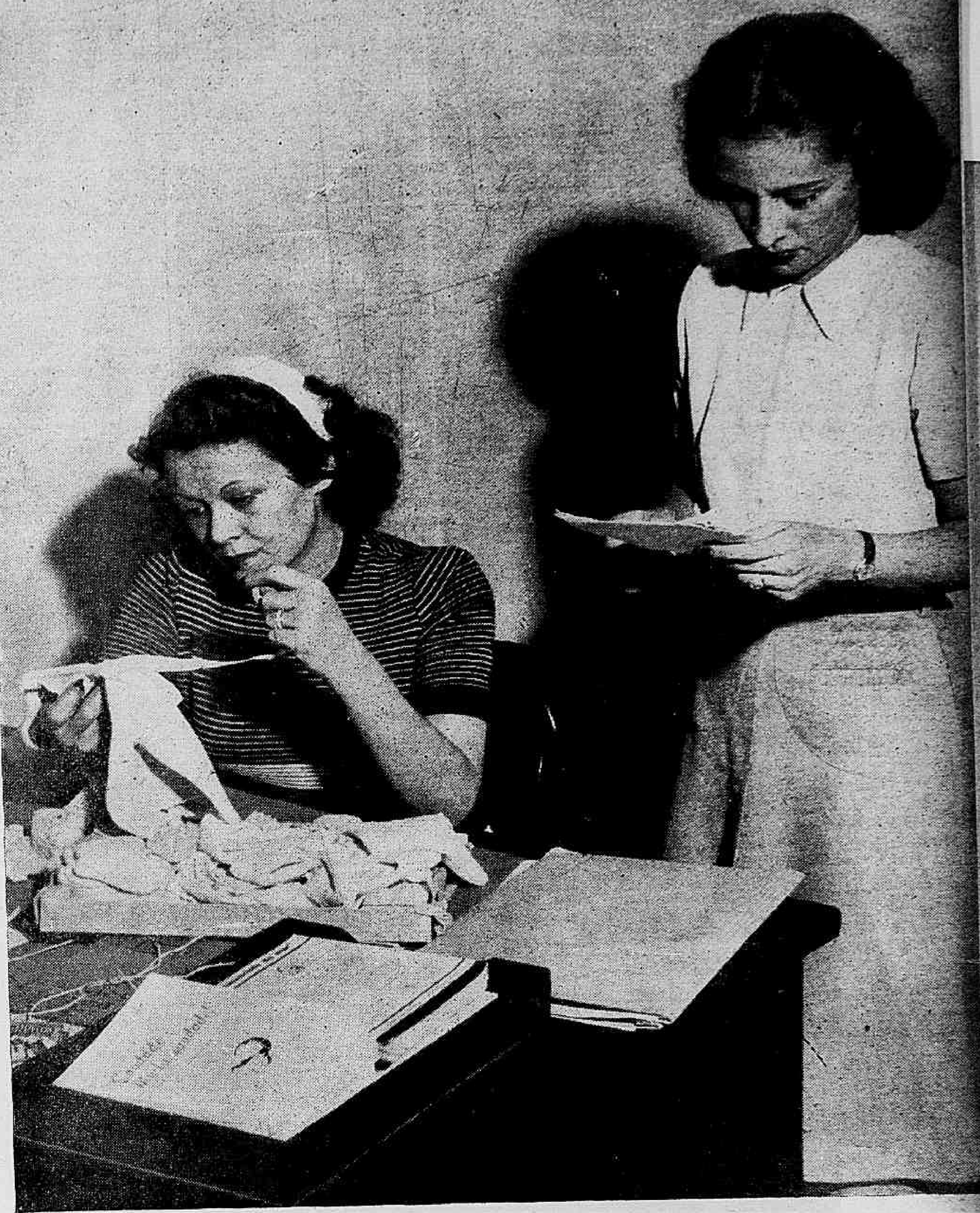
Mas, quando tudo parecia caminhar harmoniosamente, eis que Roberto Mendes desliga-se da PRB-7 para ingressar na Rádio Mayrink Veiga, carregando, é lógico, o patrocinador e o programa. A emissora associada, por sua vez, indiferente à saida de Roberto Mendes, manteve o "broadcast" no ar, motivando um recurso para a justiça. Aliás, para a questão em aprêço, não houve uma pausa para meditação... Tamoio e Mayrink aguardam a decisão da justiça, sem que isso implique na paralisação do popularissimo "broadcast". Porém, enquanto as partes não chegam a um acôrdo, os aflitos e desesperançados vão recebendo os conselhos de Júlio Louzada e Gramuri. Ambos esforçam-se para atender lealmente os diversos casos que lhes chegam às mãos.

O "Pausa para meditação" da PRA-9, desde o seu lançamento, mostra-se mais seguro na sua orientação. Observa-se a não improvisação de conselhos. Êstes são comedidos e sensatos, demonstrando quão trabalhoso deve ser para Gramuri o estudo dos mais complicados casos de familia. Roberto Mendes, por seu turno, apresenta apreciáveis radiofonizações dos casos que lhes chegam às mãos. Dai, o prestigio de que desfruta o programa tranhmitido pela veterana emissora do sr. Antenor.

MALU NA PELE DE UM TEATRÓLOGO

A aceitação pública para êste ou aquêle gênero de programa redunda, via de regra, na criação de outros tantos. Principalmente, quando o radiouvinte se mostra interessado. Êste foi o caso dos programas de conselheiros. Bastou o êxito de "Pausa para meditação", para que novos lançamentos fôssem feitos. Por isso, não será de estranhar que a Rádio Globo, seguindo o exemplo de suas co-irmãs, criasse "Interlúdio", cartaz idêntico aos demais do gênero de conselhos.

Mas, a emissora dos 1.180 quilociclos preferiu esconder no anonimato o responsável pela solução dos casos que vão parar em seus escaninhos. Tal como faz uma revista porto-alegrense,



Sagramor de Scuvero trouxe do convívio cóm o rádio paulista, grande experiência, razão do seu triunfo no sem fio carioca. Hoje, exclusiva da Tupi, possui um perfeito serviço de assistência social.

ENSINANDO O CAMINHO CERTO PARA OS "ERRADOS", ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE CUNHO SOCIAL ★ A SENHORA DIVA PAULO, UMA DAS PRIMEIRAS A TRABALHAR PARA SOLUCIONAR CASOS ALHEIOS ★ A EXPERIÊNCIA DA SENHORA SAGRAMOR DE SCUVERO, PRIMEIRO PASSO PARA SUA OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ★ "PAUSA PARA MEDITAÇÃO" EM DEMANDA NA JUSTIÇA . . . ★ MALÚ, A QUE ESCREVE PEÇAS TEATRAIS . . .

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

a PRE-3 confiou a conhecido teatrólogo a orientação de "Interlúdio". Êste, por sua vez, escolheu o pseudônimo de "Malu". Assim, dizendo-se uma criatura bastante enfronhada nos problemas que afetam os corações femininos, Malu dita as ordens para quantos lhe pedem um conselho. Personagem ficticia, tal como a romancista Suzana Flagg, ela responde as consultas que lhe são feitas, graças à pena brilhante de conhecido e discutidissimo escritor teatral que, não faz muito, andou às voltas com a Censura, a fim de livrar uma de suas peças da condenação oficial.

Com êsses conselheiros do sem-fio brasileiro, alguns com problemas próprios que jamais tiveram ou terão solução, milhares de radiouvintes abrem margem para que os cofres de nossas emissoras arrecadem a verba de que necessitam e, por vêzes, encontram a maneira prática de liquidar um caso que lhes astava torturando a consciência. Combatidos por uns, elogiados por outros, os programas de conselhos, na hora presente, representam a vontade expressa de milhões de senfilistas que, no momento azado, jamais deixam de sintonizar o "dial" para a estação que os irradia.



Malú e Maria Sampaio que, por sinal, não tem casos a resolver. Conversa sôbre teatro e nada mais. Sim, porque Malé também é teatrólogo.

A ESCRAVA DO PECADO

(Surrender)

ELENCO:

Violet Barton	VERA RALSTON
Greg de Laney	JOHN CARROLL
William Howard	WALTER BRENNAN
William Vaan	FRANCIS LEDERER
Johnny Halle	WILLIAM CHING
Janet Barton	MARIA PALMER
Senhora Halle	JANE DAWERT

Direção de ALLAN DWAN — Filme da Republic

VIOLET BARTON possue uma cara de anjo e o cérebro de uma ladra dissoluta. Desperta imediato interêsse nos homens e sempre lhes traz infelicidade. Criou-se na pobreza, era vestida e alimentada pela caridade pública porém agora resolveu usar sua atração e beleza para tornar-se rica, seja de que maneira fôr.

Sua primeira tentativa para conseguir dinheiro, é por roubo, usando para isso, de sua sedução para com os homens, resulta mal. Ela abandona seu velho marido, William Vaan, na cadeia de Heston, prêso por crime de roubo, pelo qual ela é igualmente culpada e tendo a polícia de San Antônio ansiosa por interrogá-la. Com sua irmã Janet, ela se refugia em La Mirada, uma pequena cidade perto da fronteira mexicana. Ali Janet, uma pequena laboriosa, trabalha para viver honestamente, como proprietária da «Loja Parisiense», vendendo lingerie importada, pós, perfumes, sêdas, luvas e outros artigos femininos.

Janet conhece muito bem o caráter de sua irmã Violet. Sabe que ela é sem escrúpulos, cobiçosa, absolutamente desleal, exceto quando apraz à sua bôlsa diferente. Mas Janet espera que, nesse novo meio, Violet não venha a repetir seus «pequenos erros do passado».

No entanto, Violet começa a fazer «pequenos erros» logo assim que chega a La Mirada. Aproveita-se da admiração de Wilbur, um malandro de certo antro de jogatina — o Palácio Cristal — induzindo-o a roubar o seu patrão Delaney, a fim de que êle possa comprar um bracelete no valor de oitocentos dólares por ela ambicionado. Assim que adquire a jóia, recusa-se a ter qualquer entendimento posterior com Wilbur. Sua insistência desesperada para que devolva a jóia, a fim de poder ficar bem com seu patrão, deixa-a indiferente. Que pode fazer para evitar que Wilbur seja massacrado ou até mesmo morto, conforme prediz, conhecendo a punição que lhe estaria reservada por Delaney?

Dêste «pequeno» êrro, Violet passa aos grandes em La Mirada. Devido as boas roupas usadas por Greg Delaney, ela atribue, depois de ter êle recuperado o bracelete que Wilbur lhe dera, que Delaney é o homem mais rico da cidade, e portanto, um excelente alvo para os seus encantos. Arranja uma peça para êle, com o despretencioso jovem jornalista Johnny Halle que sabe falar admiràvelmente sôbre romances e poesias. Depois de um lauto jantar oferecido por Greg Delaney à Violet, Janet e Johnny em sua magnífica residência em Mido, situada no alto da colina de onde se avista a fronteira do México, Violet faz o seu jôgo para Delaney passando a noite com êle, depois de ter mandado embora Janet e Johnny.

No dia seguinte, descobrindo que o mal vestir de Johnny e seu modo deselegante de falar eram falsos, e que sua família era uma das mais ricas do Texas, Violet abandona Delaney e passa a conquistar Johnny, forçando-o a que fugisse com ela.

A família de Johnny aceita Violet porque ela fôra a sua escolha para espôsa, e também porque a sua beleza era um encanto. Por algum tempo ela goza do seu sucesso e espezinha Janet que amava Johnny sinceramente e não o queria ver magoado. Certo de seu poder sôbre Johnny, e sabendo da eterna devoção de Delaney por Johnny, Violet insolentemente desafia

(Cont. na pág 24)







CORREIO DO FÃ

THOMAZ CUSTÓDIO (Cubatão) — A Cia. Cinematográfica Maristela tem o seguinte endereço: Escritório — Av. Ipiranga, 1071, 9º and. Salas 910-11-12, São Paulo. Estúdios: Rua Francisco Rodrigues, 20, Jaçanã, São Paulo. Gratos pelas referências elogiosas à revista.

BETTY L. BRASIL (São Paulo) — Sua preferência pela A CENA muito nos lisongeia, pois você e suas amigas a acham uma das melhores revistas que já leram até hoje. Sua sugestão é interessante e começará a ser aproveitada dentro de pouco, pois já estamos selecionando fotografias de galãs, em trajes de banho, para apresentá-los nas capas. Você e suas amigas, leitoras de A CENA, ficarão satisfeitas assim como milhares de leitoras em todo o Brasil. E nós também, por atendermos com prazer à sugestão de léitoras assiduas e admiradoras desta revista. Aguarde!

CARLOS MARTIS SPIRA (Califórnia) — Voca é um decorador brasileiro, do Rio de Janeiro, que se encontra em Hollywood, perto de um ano, estudando direção, técnica e decoração para filmes. E' aluno da Universidade de Califórnia, V.C.L.A., no departamento de Artes Aplicadas («Tehater Arts) e permanece sempre em contacto com vários técnicos da indústria de filmes. Pretende trazer para o Brasil várias pessoas interessadas



na indústria cinematográfica do Brasil, tais como «cameramen», técnicos de som, editor de filmes, etc. e planeja filmar aqui em duas linguas: inglês e português. Tem praticado também nos grandes estúdios, mantendo contacto com grandes diretores, de onde lhe provém certa experiência que muito lhe assegurará um provável sucesso no Brasil. Fazemos votos que assim seja — e que esta coluna lhe sirva de alguma coisa. Sempre às ordens.

G.J.P. (?) — A letra de «Cruising Down Th. River» foi publicada na seção de «A Pedidos», na A CENA n. 36, de 5-9-50.



ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

VIII

PÉRICLES LEAL

NASCEU em Alagoa Nova, vila do Estado da Paraíba, Brasil, onde a estrada de ferro é ainda o "cavalo de ferro"...

E' filho do jornalista José Leal Ramos, que acumula as funções de pequeno fazendeiro, também.

Foi expulso de três grupos-escolares.

Acha que os professôres são indivíduos intolerantes, neurastênicos e de inteligência curta.

Fugiu duas vêzes do curso ginasial: na primeira foi prêso no tombadilho do navio sueco, onde se havia engajado como marinheiro-mercante; da segunda, voltou do Recife a pé... sem níquel no bôlso, e com fome... Trabalhou no jornal "A União", de João Pessoa, por três anos, com alguns intervalos, por motivos políticos...

Freqüenta cinema há muitos anos e teve o senso crítico avivado por leituras de alguns teóricos.

Detesta pessoas intolerantes, mas é, êle próprio, um pouquinho intolerante. E' um apaixonado por teatro e a êle dedica grande parte de sua vida. Lê e aprende constantemente com Shakespeare, O'Neill (que considera seu mestre espiritual), Lorda, Shaw, Calderón, Lope de Vega, Tirso de Molina, Pirandello, Gil Vicente e Eurípides.

Na literatura, encontra fascinio especialmente em Rilke, Amiel, Julien Green, Franz Kafka, Charles Morgan, Proust, Dostoievsqui, Gide, Faulkner e os escritores de língua castelhana Unamuno, Mallea, Jimenez, Antônio Machado, Gustavo Becker.

Adora a música e considera-se um iniciado em Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann, Tschaicovsqui, Debussy, Grieg...

Obras literárias de cabeceira: — "O Grande Deus Brown" e "Estranho Interlúdio", de Eugene O'Neill; "Cartas a um jovem poeta", de Rilke; "Autos", de Gil Vicente; "Electra", de Eurípides; "O Imoralista", de Gide, e "Luz de Agôsto", de Faulkner.

Começou em jornal como revisor, ganhando 200 cruzeiros mensais...

Atores preferidos: Chaplin, Orson Welles, Henry Fonda.

Atrizes preferidas: a grande, imensa, inigualável Bette Davis, e mais Pola Negri, Ida Lupino, Joan Crawford, Greta Garbo.

Filmes que mais o impressionaram: "Rua das Ilusões", "Mistérios da Vida", "Siegfried", "Fúria", "Vive-se uma só vez", "A longa viagem de volta", "O Delator", "No tempo das diligências", "A Patrulha Perdida", "Como era verde o meu vale", "Laços Humanos".

Diretores que gozam de sua preferência: — Elia Kazan, John Ford, Fritz Lang. Considera o homem que traja com "elegância" verdadeiro manequim. Calça sapato número 40.

Usa roupas escuras, de preferência.

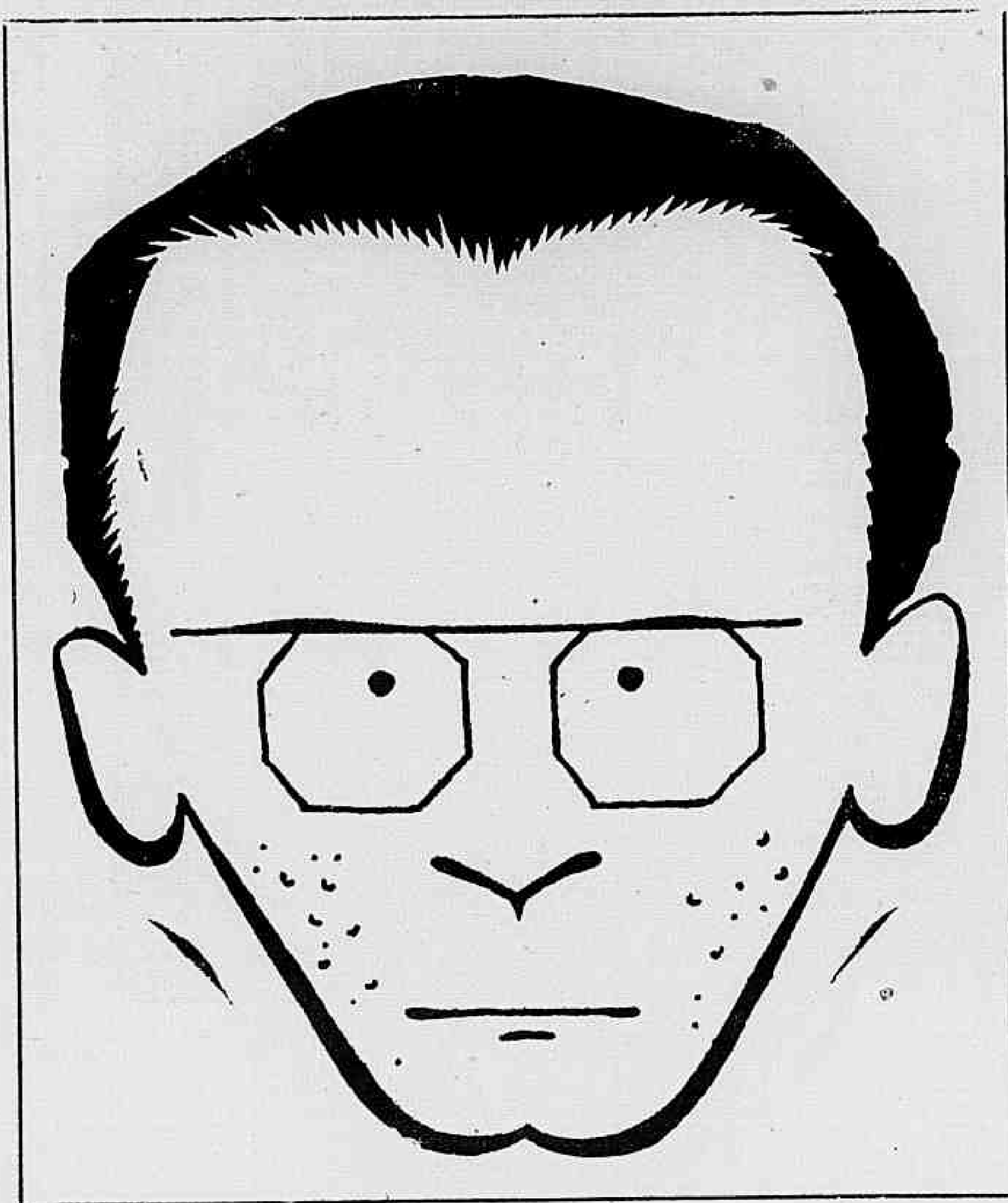
Gravatas de qualquer côr, dependendo do dia e do humor.

Fraga. Tem um livro de contos enganchado na Editôra Guaíra, do Paraná, que deveria ter saído em novembro de 1947, portanto, ainda está em dia... Mede 1,63 m e não sabe quanto pesa.

Católico apostólico romano militante, às vêzes...

Gosta da côr verde (herança de Rousseau pela natureza?).

Gostaria de dormir de dia e acordar ao crepúsculo, para trabalhar durante a noite.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charges de JAIMESON

Praticou há anos a equitação e conserva ainda o mesmo amor por ela.

Gosta de atirar ao alvo, considerando-se ótimo atirador.

Detesta todos os demais esportes.

Já escreveu para a "Revista da Semana", A CENA, "Quilombo", "Revista do Rádio" e alguns suplementos literários dominicais.

Escreveu duas peças para teatro: "Os Habitantes do Subsolo", trilogia, e "A Viagem", peça em 1 ato, em ensaios sob a direção de Odyr

Considera o rádio uma navalha: de um lado, suave e inofensivo, e do outro... é isso mesmo!

Politicamente, é um burguês decadente, que acredita na recuperação do sistema...

Detesta tolices ditas em tom solene.

Tem muitos sonhos, consciência de alguns defeitos, algum orgulho e muita presunção (e também pretensões).

Escreveu uma história para cinema: "Homem montado num cavalo marinho", enviada para a companhia Maristela, de São Paulo.

Fêz crítica de filmes na "Revista do Rádio" e colabora regularmente na "Fôlha Carioca".

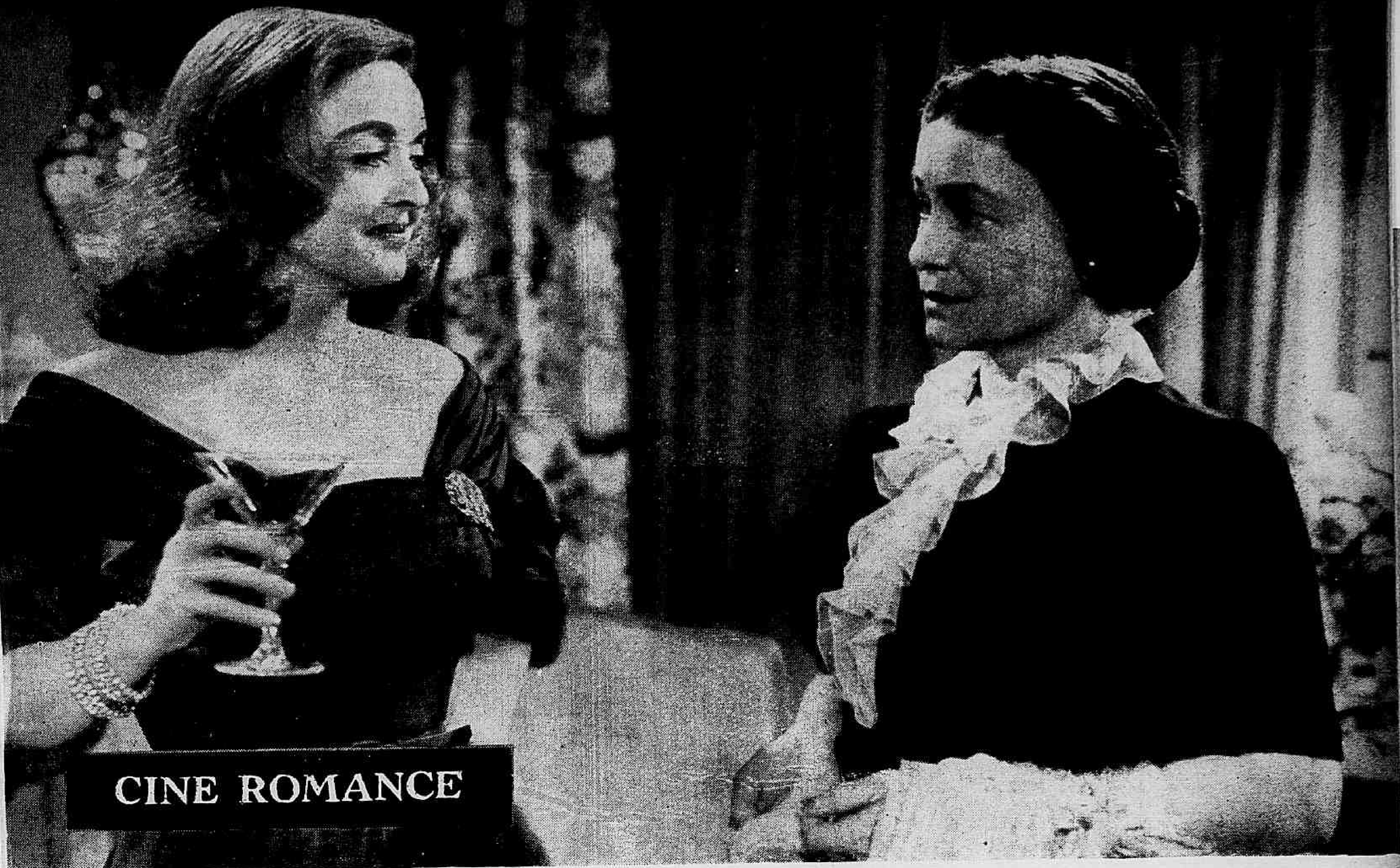
Não usa pseudônimo.
E' a favor da bomba.

ANTOLOGIA: *"Homem montado num cavalo marinho"*

E aponta com o nariz, com asco, Amanda, que vai passando, vestida com um leve traje de verão, os ombros nus, e um véu vaporoso sôbre os cabelos louros e lindos. Ela chegou dois dias antes, do Rio, e veio para Magé numas férias de 15 dias. As más línguas contam qualquer coisa relacionada a que Amanda é amante do patrão, um rico advogado da Capital, e que, descobrindo a espôsa do patrão tôda a história, armou um bruto escândalo. Então, o patrão teria pedido que Amanda se ausentasse do Rio por, pelo menos, 15 dias, até que tudo se normalizasse... Tudo isto é sugerido entre dentes, com risinhos maldosos de falso puritanismo, enquanto Amanda atravessa a rua, rumo à Igreja. Ao chegar à porta do templo, para acariciar a cabeleira loura de uma criança. A mãe recolheu a criança, como se a moça fôsse uma d o e n t e contagiosa. Amanda dá de ombros.

Os sinos silenciaram e a Igreja fica repleta. Armando, os polegares fincados na testa larga, reza, os lábios parados, sem prestar atenção a nada. Por coincidência, senta-se, ao seu lado, Amanda, abrindo o seu livro de orações. De dentro dêle cai um retrato. Armando abaixa-se para colhê-lo. As suas mãos se encontram, os seus olhos também. Ela sorri. Êle, aturdido, desvia os olhos, apressadamente e volta à sua posição de prece. Ela dá de ombros. Mas, durante tôda a missa procura com os olhos o perfil bem desenhado, mergulhado de misticismo, do estranho homem barbado, de negro, que se encontra ao seu lado. À saída da Igreja, os olhos de ambos ainda se cruzam. Êle, desta vez, não resiste, e cumprimenta-a, levando os dedos, discretamente, à fronte. Ela sorri, sedutora. As matronas puritanas sublinham os olhares com frases sibiladas de desaprovação e rancor.

(Trecho do cenário enviado à Maristela em janeiro de 1951).



A MALVADA

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE **ANTÔNIO ROCHA**

FOI Karen Richards quem a encontrou, com os olhos arregalados e trêmula, do lado de fora da caixa do teatro onde Margo Channing estrelava "Aged in the Wood", uma peça de autoria do famoso teatrólogo Lloyd Richards. Ela explicou, quando Karen a levou à presença de Margo, que vira tôdas as performances desde a chegada da companhia a N. York. Enamoradas pelo teatro havia muitas moças, mas nenhuma como Eve — Eve era diferente.

Tôdas as pessoas sentiram isso, à sua maneira. Karen, é claro, Lloyd, que se encontrava como Margo, quando Karen e Eve chegaram ao seu camarim, Birdie, a secretária de Margo. E a própria Margo —a impetuosa e temperamental Margo.

Timidamente, Eve externou a sua admiração por Margo.

— Começou com a peça anterior a esta, "Recordações", em San Francisco, à semana passada. A noite mais importante de minha vida, até essa de hoje. A próxima noite também fui — a seguinte — a outra — tôdas as noites. Quando a companhia foi para o oeste eu a acompanhei.

Então, simplesmente, ela contou o resto da história. Como em tôda a sua vida sempre pensara em representar e, ainda garôta, vivia sonhando trabalhar no palco, em sua pequena fazenda em Wiscosin. Como tivera de abandonar os estudos, quando um repentino período de má sorte assolou a fazenda e teve de ir para Milwaukee trabalhar numa cervejaria; uma vida insulsa, senão fôsse o grupo do Teatrinho. Ali encontrara Eddie, com quem viera a contrair matrimônio mais tarde, apenas para perdê-lo algum tempo depois, quando êle morreu na guerra. Assim, fôra obrigada a tomar um novo emprêgo, desta vez em San Francisco.

— Havia teatros em San Francisco e um dia Margo veio representar "Recordações".

Aquilo, concluiu ela com um gesto tímido, era tudo o que tinha a dizer sôbre Eve...

Margo não estava bastante certa de como acontecera, mais tarde. A mocinha a impressionara tanto e era exatamente aquela a noite em que Bill partiria para Hollywood. Bill Simpson era o diretor de "Aged in the Wood", a quem Margo amava há já muitos anos, embora se houvesse recusado a acompanhá-lo através de uma nave a caminho do altar devido à diferença de idade entre os dois e ela temia que um dia êle se cansasse dela.

Bill ia partir e uma grande melancolia invadiu a sua alma, sentindo-se, porém, confortada em virtude da doçura de Eve, tentando tranquilizá-la. De qualquer maneira, Margo Channing, impulsivamente convidou-a para a acompanhar ao aeroporto a fim de lhe servir de companheira e ordenou que a jovem viesse morar consigo.

Durante o correr das semanas seguintes, com Bill longe, o mundo tornou-se vazio para Margo que a jovem viesse morar com ela. ria uma avantajada parte de sua afeição para Eve e após algum tempo, sua presença se lhe tornara imprescindível. Nada era muito incômodo para Eve, quer atendendo aos telefonemas e à correspondência, ou espanando o cobiçado prêmio ganho por Margo, a estatueta simbolizando o Prêmio Sarah Siddons. E tôda santa noite se encontrava nos bastidores, atentamente observando os atores (Margo em particular) e aprendendo novos truques da arte de representar.

No aniversário de Bill, Eve fêz um chamado telefônico (quando acabaram de soar as doze badaladas) interurbano para Hollywood a fim de que Margo fôsse a primeira pessoa a lhe dar os parabéns. Margo, no entanto, sentiu uma raiva nascer contra ela dentro de si mesma, pois se esquecera da data, enquanto Eve a tinha bem viva na memória.

A festa de boas-vindas! Todos os amigos de Margo lá se encontravam irradiando simpatia e felicidade: Karen e Lloyd; Max Fabian, o produtor; o poderoso crítico Addison de Witt e a sua corista, Miss Casswell. Bill chegara ao apartamento vinte minutos antes de Margo saber, e enquanto ela se vestia, tinha um presentimento de desastre, que invadiu o seu ser.

Bill parara na biblioteca para conversar com Eve, satisfeito ante a alegria da moça por vê-lo.

Com os lábios cerrados, exprimindo tôda a sua raiva proveniente do ciúme, Margo ordenou a Eve que fôsse eximinar se os "hors d'oeuvres" estavam em ordem.

— Não tinha a menor idéia de sua chegada — encarou o homem de seus amôres, quando Eve deixara o aposento.

— Encontrei-me com Eve quando ia subir e começamos a conversar.

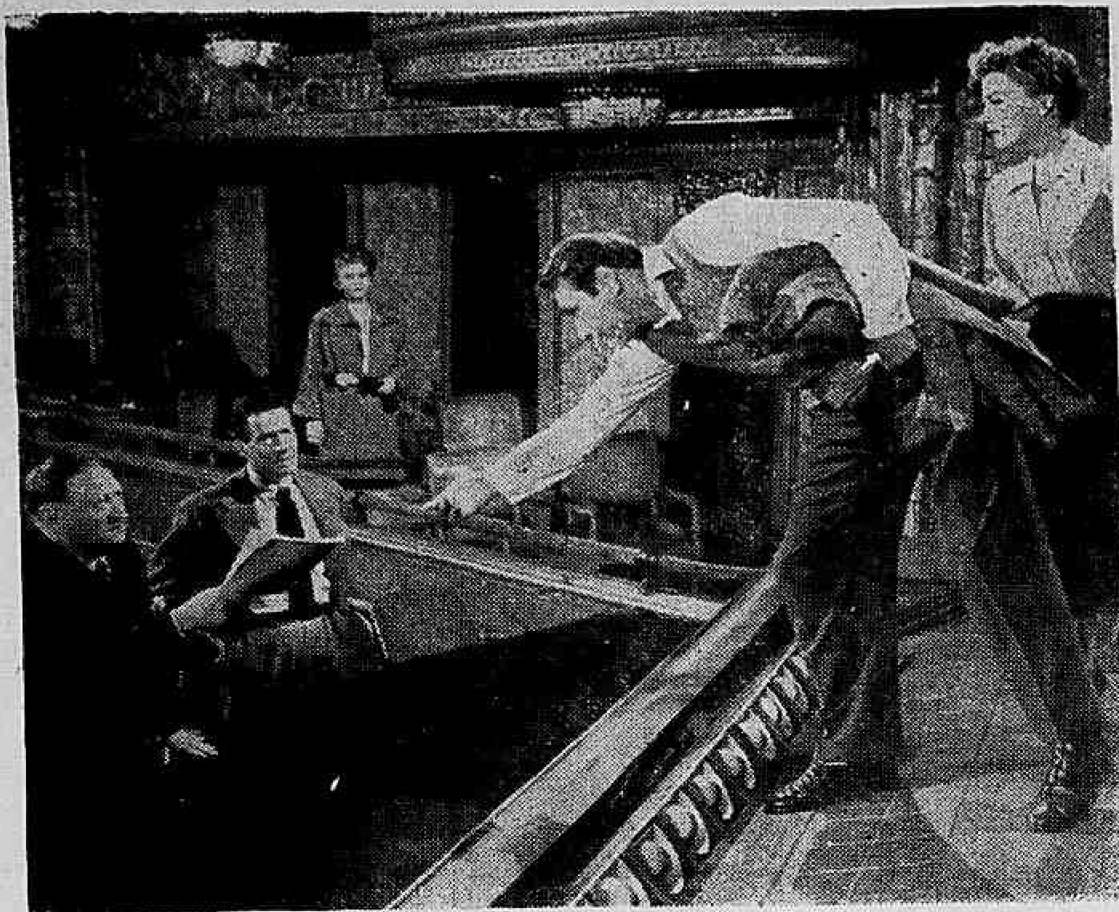
— Ela é uma moça de muitas qualidades raras — a voz de Margo era rispida. Como tôda mulher, ela leiloava as qualidades de uma outra a fim de forçar o seu amado a reconhecer estas qualidades e ter um motivo para uma rusga e queixas de não ser amada. — E' tão jovem! Tão jovem e tão bela!

Bill a olhou incrédulo.

— Isto é até risivel, quando você bem sabe como me sinto a seu respeito. No entanto, esta sua obsessão de idade e agora...

— Estou cansada das *qualidades* de Eve! — gritou Margo.

— Esta é a minha deixa para



O PREÇO DA FAMA É ALTO. MAIS ELEVADO É AINDA, QUANDO O DÉBITO É PAGO COM O CORAÇÃO DOS OUTROS!

reassegurá-la — exclamou Bill. — Mas não vou agir dêste modo, quando você inicia o julgamento de uma pequena idealista por "patrões benzedrina". Não aceito isso! Eve nunca me indicou outra coisa senão uma adoração desregrada por você!

Da porta, chegou a voz doce de Eve:

— Miss Channing, os "hors d'oeuvres" estão aqui.

Assim foi iniciada a terrível festa. Antes de se terem escoado duas horas e Addison De Witt haver pôsto Miss Casswell na prateleira, isto é, em companhia de Max, e de haver iniciado o monopólio de Eve, Margo já havia sido superada por alguns inofensivos "martinis".

Mais tarde, ela levou Max Fabian para a copa à procura de bicarbonato de soda, um remédio de que ambos necessitavam. Ela — por haver bebido demasiado. Êle — por se ter deixado persuadir a permitir que Miss Casswell experimentasse o papel de irmã de Margo em "Aged in the Wood".

Bêbadamente, Margo procurou animá-lo, oferecendo-se para ler a sua própria parte no teste. Em troca, Max daria um emprêgo qualquer a Eve, lendo as peças ou fazendo entrevistas? Max pareceu duvidoso, mas Margo logrou fazê-lo prometer e assim êle tomou uma dose dupla de bicarbonato de sódio... Enquanto isso, Eve tentava persuadir Karen a lhe conseguir o emprêgo como substituta de Margo.

A festa de boas-vindas se transformou numa noite de surprêsas, especialmente quando Margo se achou conversando com Lloyd a respeito de sua nova peça "Footsteps in the Ceiling", na qual ela interpretava Cora, uma moça de vinte anos. Margo Channing, frisou com bastante ênfase, já tem quarenta. Estava com mêdo de desempenhar êste papel. *Ou era mêdo por causa de Bill?*

Quando Margo e Bill novamente se juntaram na festa, Eve falava entusiàsticamente sôbre o teatro. Todos escutavam, admirando o seu amor pela imortal arte de Shakespeare. Sùbitamente, abatida e ciumenta, Margo pronunciou algumas palavras grosseiras e correu para o seu quarto, sendo seguida de perto por Bill, que galgou os degraus da escada de dois a dois, deixando cada vez mais para baixo um bando de convivas sendo corroido pela curiosidade.

— E' uma pena que percamos o terceiro ato; mas êles vão representá-lo nos bastidores — comentou De Witt.

Duas semanas depois, no dia do teste de Miss Casswell, tudo já se tornara novamente normal entre Bill e Margo. A temperamental atriz estava mais atrasada do que supunha e, encontrando De Witt no "foyer" do teatro, êste lhe explicou que o teste já terminara — com um sorriso irônico a lhe cobrir tôda a face.

Apenas acontecera o estranho fato de ninguém haver reparado na leitura de Miss Casswell. Em virtude de Margo estar atrasada a sua substituta se oferecera para ler a sua parte. A substituta era Eve.

— Não foi uma leitura sòmente —delirou Addison. — Foi uma performance. Brilhante, vivida!

Em resposta, Margo se dirigiu ràpidamente em direção ao palco. Ali se encontravam Lloyd, Bill, Max — e Eve. Os homens haviam sido visivelmente tocados pela performance da moça. Como sempre, modestamente, Eve se desculpou quase em lágrimas por ser a sua substituta sem o seu conhecimento mas quando Margo começou a gritar, ela desapareceu.

Do mesmo modo, Lloyd e Max também fugiram, temerosos ante a fúria da estrêla, deixando-a a sós com Bill no escuro teatro.

— A briga terminou — disse êle amigàvelmente. — Acalme-se.

— Não me acalmarei! — resmungou Margo. — Conspirando contra mim. Minha substituta... sem o meu conhecimento! Aparece para uma leitura de peça — e dá uma performance! Acaso ela recebeu alguns toques da mão de Simpson?

— Eu nem ao menos sabia que Eve era a sua substituta até esta tarde — o sorriso de Bill desaparecera. — Pela última vez, você tem de deixar de magoar tanto a si mesma e a mim. Amo-a. Você é uma mulher inteligente e bonita, no auge de sua carreira. Tem todos os motivos para ser feliz. Mas, permite que uma garôta como Eve a leve a esta irrascibilidade. Margo, façamos paz. Esta bobagem sôbre Eve...

— Não é nenhuma bobagem!

— Que seria bastante para que não casássemos? Você tem tantas razões para não o fazer. Geralmente, acabamos gritando quando a cortina desce! Então, tudo é um mar de rosas novamente. *Mas não desta vez.* Adeus.

A não ser que se conhecesse o desejo amargo de Lloyd Richards que o impulsionou a pôr em palavras para Karen, àquela noite, os acontecimentos da próxima segunda-feira pareceriam acidentais. Pois, Lloyd, entusiasmado com o talento de Eve e insatisfeito (eufemismo visto com lentes de aumento) com Margo, tinha desejado em voz alta que alguém reduzisse Margo ao seu verdadeiro tamanho. E Karen concordara.

No fim de semana, quatro pessoas deveriam estar na casa de campo de Richards. Lloyd e Karen, Margo e Bill. Bill nunca apareceu. E, segunda-feira, à noite, quando Margo deveria retornar ao teatro, a gasolina de seu carro achou de lhe pregar uma peça, acabando no meio da estrada deserta. Como poderia Margo imaginar que isso fôsse culpa de Karen, para que chegasse em Nova York quando o espetáculo já tivesse terminado e ela houvesse sido substituida por Eve?

Addison também se encontrava no teatro e também Bill. Depois do espetáculo, quando a cortina desceu, Eve se tinha lançado em seus braços, enquanto Bill, sorriu bem-humoradamente, saindo logo depois.

Os jornais da manhã seguinte estampavam a noticia da performance de Eve. Era estranho como tantos críticos haviam tido conhecimento de uma provável substituição no elenco de "Footsteps on the Ceiling". Lendo-os, Karen se sentiu culpado e ao mesmo tempo penetrou em si uma sensação de vergonha. Mas, não resta a menor dúvida que foi a coluna de Addison De Witt que lhe inspirou náuseas, com as suas insinuações de como uma atriz que já começava a sentir o impacto dos anos havia tentado interceptar o caminho de uma jovem de grande talento. Garantiu a Eve um futuro fulgúrante.

Karen correu para Margo.

— Como é que todos os jornais da cidade se encontravam agrupados sòmente num espetáculo?





— exclamou Margo enfurecida. — A pequena bruxa deve ter enviado os seus asseclas atrás dos cronistas teatrais que se encontravam em seus banhos turcos! Addison e a sua venenosa pena!

Ela pausou num meio-soluço. Bill acabara de chegar.

— Vim logo após tomar conhecimento daquele pedacinho de sujeira.

Imediatamente, Margo começou a chorar. Êle a tomou em seus braços.

— Bill está aqui, querida. Tudo está bem agora.

Neste momento, Karen deixou o quarto, caminhando na ponta dos pés.

Quando chegou a casa, encontrou Lloyd lendo a coluna. Estava tenso e enraivecido. Não com Eve, certamente, mas De Witt era o alvo de sua fúria. Segundo Karen conseguiu saber, Eve lhe viera falar a respeito da coluna de Addison. Ela lhe pedira para endireitar as coisas entre ela e Margo. Chorara e insinuara que adoraria interpretar o papel de Cora em "Footsteps on the Ceiling". Òbviamente, êle disse, De Witt forçara Eve a dizer coisas que ela não pretendia. Êle, embora um só, estava todo ao lado de Eve.

Karen continuava incrédula e triste sòmente em pensar que Lloyd talvez desse o papel de Cora a Eve, de encontro aos seus desejos, quando encontraram Bill e Margo no "Stork Club", depois do espetáculo.

Bill e Margo, no entanto, estavam radiantes. Especialmente Margo, pois, finalmente, resolvera casar-se com Bill e nem mesmo a presença de Eve sentada a uma mesa nas proximidades em companhia de Addison, conseguiu ofuscar o brilho estelar de seus olhos.

Pouco depois, um garção entregou uma pequena nota a Karen. Era de Eve que lhe pedia para encontrá-la no "quarto de pó". E, como Margo insistisse para que ela descobrisse o desejo de Eve, foi ao encontro desta.

Trêmula e doce como sempre, Eve começou a se desculpar, apenas para estacar de repente, quando notou que não impressionava Karen de modo algum.

— O papel de Cora é meu e você tem de dizer a Lloyd!

Karen fixou os olhos nela e retrucou:

— Não serei forçada a isto por nada dêste mundo!

Eve deu de ombros. Então, uma verdadeira avalanche de ameaças vacilou em sua bôca, embora ela falasse desajeitadamente:

— *Addison sabe como Margo perdeu aquêle espetáculo e como eu sabia que ia substituí-la àquela noite a tempo de notificar todos os jornais da cidade*. Se eu desempenhar o papel de Cora, Addison nunca contará. Um simples intercâmbio de favores entre nós dois.

Sentindo-se mal, Karen voltou à mesa de quatro. Encontrou Margo, miraculosamente, pedindo a Lloyd para a desculpar por ela não interpretar *Cora*. Gostaria de fazer um papel... mas, de uma mulher de sua idade. Nada mais de fingimento. Ia casar-se com Bill.

Assim, depois dos costumeiros ensaios, com os quais muita gente do teatro nunca se acostuma, a companhia estreou em New Haven. E, se Karen perdeu uma estréia com Lloyd em tôda a sua vida conjugal, deveria haver uma razão. Desta vez, a razão vinha revestida com roupagens de um novo feminino, Eve. Eve — como a sua predecessora que fascinou e atraiu "papai Adão" — tentava usar de todos os meios para convencer Lloyd a divorciar-se de Karen e com ela contrair matrimônio, para passar o resto de sua vida escrevendo peças maravilhosas para a sua nova espôsa representar.

Talvez isso houvesse acontecido, pois Karen estava fraca de mais para lutar. Apenas, acontecia que Addison De Witt *não* era fraco. E Addison desejava para si a própria Eve.

E êle lhe disse isso na estréia em New Haven. Quieta e venenosamente, Addison confessou:

— Nunca existirá uma outra como você. E' concebível que me tenha confundido com aquela malta de crianças atrasadas com quem vem fazendo uso de seus truques! Não sirvo de bôbo para ninguém — e muito menos para você. Talvez Lloyd deixe Karen, mas não por sua causa. Você nunca casará com Lloyd porque não o permitirei! Depois desta noite você pertence a mim.

Eve simplesmente sorriu, mas Addison lhe desferiu uma palmada no rosto, violentamente, e continuou:

— O seu nome não é Eve Harrington. Em verdade, é Gertrude Slescynski. Há anos, os seus pais não recebem uma notícia sua sequer. Sim, você trabalhou numa cervejaria — até que a espôsa de seu patrão mandou um detective seguir os seus passos. Acaso você não recebeu *dinheiro* para deixar a cidade?

Eve ficou confusa:

— Ela era uma mentirosa!

— Nunca existiu nenhum Eddie, — continuou a voz fria de Addison — nem você foi casada, nem residiu em San Francisco.

— Eu tinha de entrar, de encontrar Margo — fazê-la gostar de mim!

— Ela gostou de você a ponto de outorgar-lhe tôda a sua confiança. O seu pagamento foi tentar arrancar-lhe Bill. Eu estava lá e ouvi você usar a minha coluna no jornal para fazer uma chantagem com Karen, para que persuadisse Lloyd a lhe dar o papel de Cora. Que eu a esteja cobiçando tanto parece o cúmulo da improbidade. Mas, somos dignos um do outro.

Amedrontada, Eve murmurou:

— Não representarei hoje. Não poderia...

— Não poderia trabalhar? — exclamou o crítico em tom de mofa. — Hoje, você dará a maior performance de sua vida.

E era verdade. A performance de Eve Harrington, interpretando o papel de Cora, entrou para a história do teatro. Em junho, esbelta e sorridente, recebeu o Prêmio Sara Siddons, num elegante jantar. Margo e Bill, Karen e Lloyd, todos lá se encontravam juntamente com Addison De Witt. O discurso de Eve para aceitar a estatueta, expressou a sua gratidão modesta por todos êles — tão docemente...

Depois, no entanto, ela evitou a festa luxuosa que lhe oferecia Max Fabian. Nunca poderia esquecer algumas faces que observara enquanto a multidão a ovacionava. Addison a levou para o seu apartamento.

Quando ela havia penetrado em casa e aceso as luzes, viu uma mocinha. Uma mocinha tímida que se disse chamar Phoebe e gaguejou:

— Por favor, não me mande prender. Escondi-me do lado de fora até que a criada veio tirar a sua cama. Entrei e me escondi até que ela saísse.

Eve não compreendia.

— Estava apenas olhando?

— Isso é tudo. Era para a minha reportagem. A senhora deve saber da existência dos clubes de fãs de Eve Harrington. O nosso foi o primeiro. A sede é no Ginásio Erasmus e eu sou a presi-

(Cont. na pág. 26)

Título original:

"All About Eve"

ELENCO:

Eve Harrington	ANNE BAXTER
Margo Channing	BETTE DAVIS
Addison De Witt	GEORGE SANDERS
Karen Richards	CELEST HOLM
Bill Simpson	GARRY MERRILL
Lloyd Richards	HOGH MARLOWE
Birdie	TELMA RITTER
Miss Casswell	MARILYN MONROE
Max Fabian	GREGORY RATOFF
Phoebe	BÁRBARA BATES

Uma produção da 20th Century Fox. — Produção de Darryl Zanuck — Direção e cenário de Joseph L. Mankiewicz.







Ezio Pinza e Mary Martin, astros cantores, em uma cena de seu delicioso romance na comédia musical norte-ame ricana «South Pacific».

EZIO PINZA--UM DOS MAIS NOVOS ÍDOLOS DE HOLLYWOOD

Exclusividade do USIS para A CENA
Por STANLEY FRANK

(De «Collier's)

Um dos mais novos idolos de Hollywood, capital cinematográfica dos Estados Unidos, é um avô de 58 anos de idade. Seu nome é Ezio Pinza e a «Metro-Goldwyn-Mayer» o tem sob contrato para apresentar arrebatamentos românticos em cinco filmes. O fato de Pinza ser um dos maiores baixos do mundo é apenas acidental no caso. Sua magnífica voz e seu grande encanto pessoal são dotes adicionais.

O primeiro filme de Pinza será «Mr. Imperium», no qual renuncia a um trôno para demostrar seu perene amor por Greer Garson, heroína da película. Em seu segundo filme, «Deburau», adaptado de uma peça de Sascha Guitry, Pinza interpretará o papel de um palhaço consumido de ciumes por seu filho.

Quando o ídolo da «Metropolitan Ópera Company» foi convidado para êsses papéis, não manifestou surprêsa. Sua capacidade de admiração já havia esgotado alguns meses antes, em sua estréia teatral em «South Pacific», peça musical que o transformou da noite para o dia no primeiro genuino «ídolo de matinée» da Broadway depois do falecido John Barrymore.

Se fosse apenas a voz de Pinza que tivesse entusiasmado os críticos e assistentes, os aplausos seriam compreensíveis. Afinal de contas, Pinza foi um dos sustentáculos do Metropolitan Ópera durante 22 anos. Seu virtuosismo proporcionava-lhe uma enorme renda anual e aplausos unânimes como um artista lírico da melhor tradição. Seria de esperar que o volume e a riqueza de sua voz contribuissem com uma nova e importante qualidade para a comédia musical. Contudo, Pinza canta em «South Pacific» apenas dois números: o indestrutível «Some Enchanted Evening» e «This Nearly Was Mine». Seu enorme êxito é um triunfo estritamente de personalidade — de simples masculinidade.

Ciclista profissional quando jovem, Pinza é um homem de constituição maravilhosa. Tem um perfil clássico que Mary Martin, sua companheira na peça, compara à figura de uma antiga moeda grega. E' elegante e tem uma inflexão de voz encantadora. Contudo, nenhum dêsses dotes pode ser responsabilizado por tôda sua abaladora influência sôbre as mulheres.

O magnetismo é a explicação que Mary Martin dá a essa sua influência. «Êle se afasta de mim durante uma «performance» — diz ela — e eu fico consciente de que êle ainda está lá, irradiando ondas de pura atração animal».

Oscar Hammerstein, que escreveu a letra para «South Pacific», acredita que as mulheres simplesmente correspondem à admiração franca e pura que Pinza tem por elas. «As mulheres — explica êle — sabem ou sentem quando um homem está interessado por elas. Com Pinza é uma coisa especial. E' nêle um impulso tão forte quanto o dinheiro ou o poder».

Pinza tem dois filhos de sua segunda espôsa, Dora Leak, dansarina de «ballet» que é cerca de 25 anos mais jovem do que êle. Seus vizinhos em Rye, subúrbio de Nova York, conhecem-no como um marido dedicado e um pai que prodigaliza afeição tìpicamente italiana à sua filha de oito anos, Clélia, e seu filho Pietro, com seis anos de idade.

Pinza foi escolhido para seu papel em «South Pacific» devido ao ardor que podia dar ao namôro de um idoso fazendeiro francês por uma jovem enfermeira da marinha norte-americana, nascida no Arkansas, e que, embora apaixonada por êle, temia ceder a seus galanteios devido às grandes diferenças de idade e de educação.

Admite-se geralmente que a atração e a aura romântica que Pinza deu a «South Pacific» fêz dessa comédia musical o maior sucesso da história do teatro norte-americano — maior do que o do imperecível «Oklahoma!», que foi apresentado durante cinco anos consecutivos em Nova York e ainda continua em cartaz em excursões através do país, em sua sétima temporada.

A grande diferença é Pinza. Tôda manhã, antes de abrir a bilheteria, forma-se uma fila para a aquisição dos 30 bilhetes para lugares em pé, limite máximo permitido para cada espetáculo pelo departamento de bombeiros. Diàriamente, chegam pelo correio pedidos de 3.000 ingressos, o que representa o dôbro da capacidade do Majestic Theatre. Outra prova da imensa popularidade da peça em todos os Estados Unidos; 500.000 álbuns de discos gravados pelo elenco foram vendidos nos primeiros seis meses. Durante o mesmo período, venderam-se 1.250.000 cópias das músicas. Em setembro de 1949, os dois números cantados por Ezio Pinza foram postos à venda em um disco separado do álbum. Em três semanas, venderam-se 70.000 discos.

Pinza é natural em todo o sentido da palavra. Ao contrário da maioria dos cantores líricos, não começou a cultivar o encanto de sua garganta senão depois dos 18 anos. A primeira guerra mundial retardou sua estréia por 10 anos, mas assim que se apresentou subiu como um foguete. O repertório lírico de Pinza inclui o respeitável total de 76 papéis, inclusive no setor de barítonos, mas apesar disso êle ainda é incapaz de ler música. Aprende até mesmo as canções populares da maneira mais difícil, nota por nota.

«Eu não sou musicista», admite êle. «Sei apenas como fazer belos sons».

As pessoas que conheciam Pinza intimamente ficaram mais admiradas por sua decisão de invadir um novo e dificil meio na comédia musical do que pela sua magnífica recepção. Pinza era considerado como uma peça do mobiliário do Metropolitan Ópera.

Em um negócio explosivo, no qual o temperamento muitas vêzes é confundido com talento, a fácil disposição de Pinza era famosa nos bastidores. Durante seus 22 anos no Metropolitan Ópera, apenas uma vez Pinza perdeu a calma. Isso ocorreu em seu primeiro ano no Metropolitan Ópera, quando Giulio Gatti-Casazza, gerente geral, interrompeu um ensaio para criticar sua interpretação em certo papel.

«Saia do palco!» gritou Pinza em italiano. «Você é o chefe lá em baixo, não aqui. Volte para seu escritório».

A única coisa que torna Pinza uma pessoa dificil de controlar é seu prazer pelos gracejos pesados. Certa vez, êle e Salvatore Baccaloni, baixo profundo italiano, animaram o «Barbeiro de Sevilha» procurando resolver qual dos dois conseguia pisar com mais força nos pés do outro. Tôda a companhia foi dominada por tal histerismo que a orquestra tocou durante dois

minutos inteiros sem que uma única nota fôsse cantada no palco.

Três fatôres impeliram Pinza a arriscar a segurança e a eminência de que gozava na ópera, em uma idade em que já deveria estar pensando em aposentar-se. Em primeiro, sentia curiosidade em procurar outra oportunidade para seus talentos. Acima de tudo, porém, estava aborrecido com as excursões de concertos que o conservaram afastado de sua família, embora a maior parte de sua renda derivasse dessa atividade.

Abandonar a música clássica significava arriscar uma renda espetacular em troca de lucros nebulosos. Trabalhador prodigioso, Pinza dava em media 100 espetáculos por ano, divididos igualmente entre ópera, concertos e ocasionais programas de rádio, o que elevava sua renda anual para bem mais de cem mil dólares. Se malograsse em «South Pacific» sua posição no terreno clássico ficaria consideràvelmente prejudicada. Além disso, ficaria sem trabalho, pois os contratos para concêrto são feitos com um ano de antecedência.

O jôgo rendeu além de tudo quanto poderia ter sonhado. Negociante esperto, Pinza firmou um contrato que lhe dá sete por cento da renda bruta da peça. Os direitos autorais sôbre os discos dão-lhe outra pequena fortuna e seus salários radiofônicos são substanciais.

Pinza necessita de poucas correções em sua interpretação, mas seu sotaque representava um problema muito sério. Não era particularmente acentuado, mas Joshua Logan, o diretor, temia que tornasse suas palavras ininteligíveis para a platéia. Para complicar a situação, Pinza não consegue de maneira alguma pronunciar claramente certas letras, nem mesmo em italiano, sua língua nativa.

Pouca gente sabe que Pinza ficou tão desanimado a ponto de desejar abandonar tudo uma semana antes da estréia de «South Pacific». Passava horas intermináveis lendo seu papel para sua espôsa, a fim de aperfeiçoar sua dicção, para no dia seguinte receber novo manuscrito inteiramente modificado. O climax verificou-se durante o ensaio geral da peça, tendo como platéia sua espôsa, seu advogado, agentes e amigos pessoais. Pela primeira vez em sua vida, Pinza foi tomado pelo terror do palco. Ficou tão nervoso que suas palavras não podiam ser ouvidas além da quinta fileira de cadeiras. Podia-se apostar quem estava aterrorizado, se Pinza ou os financiadores da peça.

— «Pensei que estávamos falidos», declarou um dos financiadores. «Todos nós esquecemos que às vêzes ocorrem milagres nas noites de estréia. Sòmente neste caso não foi um milagre. Foi resultado do enorme esfôrço que Pinza dedicou a seu papel. Se gênio é a capacidade de trabalhar àrduamente, Ezio é uma triplice maravilha».

Ezio Pinza conhece o trabalho árduo desde há muito tempo. Nasceu em Roma, em 1892. Era filho de um pobre carpinteiro e foi o único dos sete irmãos a sobreviver à infância. Firme crente de sinais e portentos, está convencido de que seu destino foi fixado na hora de seu nascimento, embora em sua família não houvesse um único talento musical.

Seu pai, Césare, ficou tão contente quando teve certeza de que um de seus filhos sobreviveria que prometeu a seu melhor amigo dar à criança o nome de Ezio, que era como se chamava o irmão do referido amigo que fizera sua estréia como cantor em Florença no dia do nascimento do pequeno. Quando os Pinza voltaram a sua cidade natal, Ravenna, o padre da paróquia recusou batizar a criança com o nome de um general pagão, que procura extinguir o cristianismo em Roma. O padre disse aos pais da criança que deviam celebrar sua boa sorte dando a ela o nome de Fortunato. Os Pinza seguiram o consêlho do padre, mas o menino sempre foi chamado pelo nome que lhe escolhera seu pai.

Na idade em que a maioria dos grandes cantores são conservados isolados praticando escalas, o jovem Ezio perseguia em Ravenna a enganosa lira. Auxiliava na oficina de carpintaria de seu pai e entregava pão para uma padaria local. Na Itália, como nos Estados Unidos, os esportes oferecem uma boa via de fuga para os pobres. Ezio tornou-se ciclista profissional.

«Êle percorreu distâncias enormes, conquistou um físico musculoso e jàmais ganhou uma corrida», observou certa vez Césare Pinza.



Na vida privada, o famoso baixo-norte-americano Ezio Pinza é um dedicado chefe de família. Vemo-lo na fotografia oferecendo um pedaço de açucar a seu cão, com a aprovação de sua espôsa Doris e seus filhos, Clelia e Pietro.

Segundo a lenda popular, a voz de Ezio foi «descoberta» quando o ouviram cantar no banheiro depois de uma corrida de bicicleta. Na verdade, porém, as coisas aconteceram de maneira diferente. Ezio perdeu suas roupas e sua licença de ciclista durante uma corrida de Bolonha a Modena. Seu pai, decidido a pôr termo a tais absurdos e lembrando o motivo pelo qual o rapaz recebera seu nome, levou-o a Vezzani, famoso professor de canto em Bolonha.

Vezzani ouviu durante cinco minutos e depois mandou os Pinza embora. Césare levou seu filho a Ruzza, outro professor, em cuja opinião Ezio tinha possibilidade. Ruzza morreu um ano mais tarde e Ezio voltou a Vezzani para nova audição. O grande maestro ouviu atentamente o rapaz cantar. Ficou de fato tão impressionado pela bela voz de baixo que declarou a Ezio que arranjaria com o prefeito de Ravenna uma bôlsa de estudos e uma verba semanal para despesas pessoais. Anos mais tarde, Pinza descobriu que Vezzani lhe dera lições gratuitamente, saindo também de seu bôlso a verba para despesas pessoais. Estudou com Vezzani durante dois anos e, embora não estivesse preparado para uma estréia, arranjou emprêgo em uma companhia lírica provinciana em Soncino.

«Quando a gente tem dinheiro, estuda durante dez anos. Quando não tem, estuda durante dois anos. Eu estudei dois anos», diz Pinza.

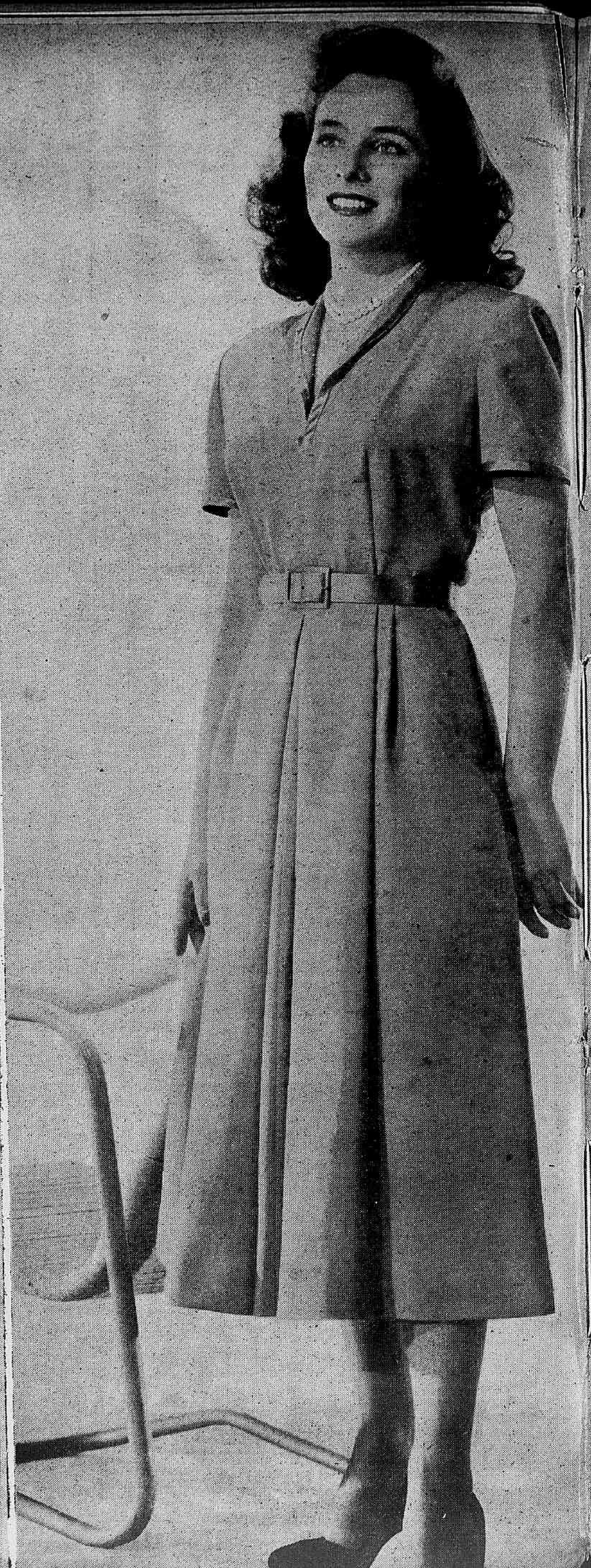
Soncino proporcionou a Pinza uma calorosa recepção. Infelizmente isso ocorreu em 1914 e o teatro lírico sofreu sérias restrições quando irrompeu a guerra. Sòmente em 1915, a Itália entrou na guerra ao lado dos aliados. Pinza, sabendo que seria convocado para o exército, passou êsse período de tempo trabalhando como aprendiz de sinaleiro ferroviário. Entrou para o exército como soldado razo, serviu durante três anos com uma fôrça de artilharia alpina e foi elevado à patente de capitão. Terminada a guerra, sua unidade foi enviada a Nápoles para dirigir meios de transporte.

Certo domingo de agôsto de 1919, o empresário de uma pequena companhia lírica de Roma enviou-lhe um telegrama convidando-o para uma audição. O comandante da unidade de Pinza, entusiasta de ópera, deu-lhe licença por oito horas. Foi a primeira vez que Pinza cantou formalmente durante cinco anos, mas apesar disso foi contratado na hora.

Dois anos depois, Pinza era considerado como o herdeiro presuntivo do trôno de baixo ocupado pelo grande Feodor Chaliapin. A reputação que conquistou em tôda a Europa levou-o ao Metropolitan Ópera em 1926 e lá seu êxito foi ainda mais sensacional.

Em 1938, os olhos inquietos de Pinza foram apanhados e presos por Doris Leak, uma moça alta e quieta, de pouco mais de 20 anos, que fazia parte do «ballet» do Metropolitan. As circunstâncias eram muito pouco propícias para romance. O dr. William H. Leak, próspero dentista com consultório em Park Avenue, ia pessoalmente buscar sua filha depois de cada espetáculo e Doris recusava sempre os convites que Pinza lhe fazia para almoçar.

(Cont. na pág. 24)

A MODA EM HOLLYWOOD





★ DAMOS NESTAS PÁGINAS QUATRO INTERESSANTES POSES DAS ESTRÊLAS DE HOLLYWOOD ★



MORREU SHIRLEY TEMPLE!

UMA "ESTRÊLA" QUE SE APAGA ★ SUBSÍDIOS ÀS MEMÓRIAS DA QUERIDA ATRIZ INFANTIL SURGIDA EM "STAND UP AND CHEER" ★ DESCOBERTA PELO COMPOSITOR JAY GERNEY ★ ANTES FAZIA "SHORTS" EDUCATIVOS PARA A "EDUCATIONAL" ★ SALVOU OS ESTÚDIOS DA FOX FILM CORPORATION EM 1934 ★ "OH! QUE SAUDADES QUE EU TENHO..."

ANTONIO ROCHA



«Stand Up and Cheer», com Warner Baxter, foi o primeiro filme da estrêla que se apaga. Também, incontestàvelmente, foi um triunfo.



Antes de ser descoberta por Jan Corney Shirley Temple trabalhava para a Educational, fazendo «shorts» «Baby Burlesk» Ei-la em 1932.

O compositor Jay Gorney fôra encarregado de compor a partitura do filme "Stand Out and Cheer", em fins de 1933, em virtude do êxito alcançado por sua canção "Brother, Can You Spare a Dime?", nos Estados Unidos.

Um dia, êste compositor saía do cinema Fox-Ritz e parou de repente no "foyer" do cinema, diante de um espetáculo que lhe prendeu a atenção.

— Alguns passos em minha frente, — conta Jay Gorney — atentamente examinando os cartazes das próximas atrações, estava uma garotinha pequenina. Enquanto olhava as fotografias, trauteava suavemente uma canção muito em voga naquela época e movia os pèzinhos dando passos de dança. "Já viu alguma vez uma garotinha mais encantadora?" — murmurei. "E' adorável!" — concordou minha espôsa.

Jay Gorney aproximou-se da pequena e lhe perguntou o nome. Com quem estava e com quem aprendera a dançar. A pequerrucha respondeu, dizendo chamar-se Shirley Temple, tendo aprendido a dançar com sua mãe, que estava conversando com uns amigos.

Entrando em contacto com a mãe da pequena, foi informado de que ela já fizera alguns filmes anteriormente, mas que, no momento, achava-se desempregada. Imediatamente, Jay Gorney lhe deu o seu telefone, pedindo para que lhe telefonasse no dia seguinte, pois pretendia apresentar Shirley aos produtores de "Stand Up and Cheer", o filme no qual colaborava na parte musical.

A razão dêste convite é que Jay não gostara da menina que fôra escolhida para fazer o papel infantil nesta película e tinha em mente convencer Lew Brown a dar uma oportunidade à pequena.

No dia seguinte, às onze horas, esperou pelo telefonema da sra. Temple, mas, quando não ouviu o seu telefone tilintar, as suas esperanças se desmoronaram.

Qual não foi a sua surprêsa, no entanto, quando, quase dois meses depois, recebeu a esperada telefonema! Acontecera que, em virtude de ser um empregado novo, o seu nome ainda não fôra colocado na lista de funcionários da Fox e como esta companhia se encontrava numa situação verdadeiramente caótica nessa época, nela não havia essa coisa chamada ordem. Naturalmente, as telefonistas não sabiam de seu nome e, não fôra a persistência da sra. Temple, Shirley talvez nunca houvesse aparecido no cinema.

Quando Shirley foi trazida ao escritório de Jay Gorney, êste passou o resto do dia ensinando-lhe "Baby, Take a Bow" e conseguiu persuadir Lew Brown a ouví-la na manhã seguinte.

No escritório de Lew, Shirley subiu ao piano e, encantadoramente, cantou e dançou "Baby, Take a Bow", conquistando-o imediatamente. No entanto, agora, precisavam fazê-la conquista Winfield Sheeham, naquela época o magnata dos Estúdios da Fox. Uma hora depois, êste também já podia ser incluido como o terceiro fã de Shirley Temple, contratando-a com o salário de cento e cinqüenta dólares por semana, uma remuneração irrisória, por razões que veremos mais adiante.

Shirley começou a trabalhar em "Stand Up and Cheer" e todo o



1928: Ainda não tinha um ano de idade. Nesta foto já vemos as suas famosas covinhas. O seu vocabulário na época: «Ma-ma», «Da-da», «bye-bye». Se alguém a segurasse já podia andar no seu berço...



1934: A Paramount logrou contratar Shirley para fazer o papel infantil de «Little Miss Marker», ao lado de Adolphe Menjou. Depois da distribuição do filme o seu salário subiu para 1250 dólares.



1934: Quando a sua popularidade se tornou um fato consumado, por todo o mundo, começaram a surgir bonecas Shirley Temple, brinquedos, vestidos e etc. Shirley nunca recebeu dinheiro por isso.



1935: Quando estrelou o filme «The Little Colonel», com Bill Robinson, Shirley assumiu a liderança entre as atrações de bilheteria no cinema norte-americano, competindo com adultos.



1935: A Legião Americana ofereceu a Shirley Temple o posto honorário de a mais jovem Cronel Honorária. Enquanto recebe o certificado, saúda o coronel Barlow. A sua mãe era a sua agente de publicidade.



1935: Shirley, a primeira atriz infantil a receber um «Oscar», discute a situação com Claudette Colbert, que também ganhara um prêmio pelo filme «Aconteceu Aquela Noite». Shirley já fizera 11 filmes.



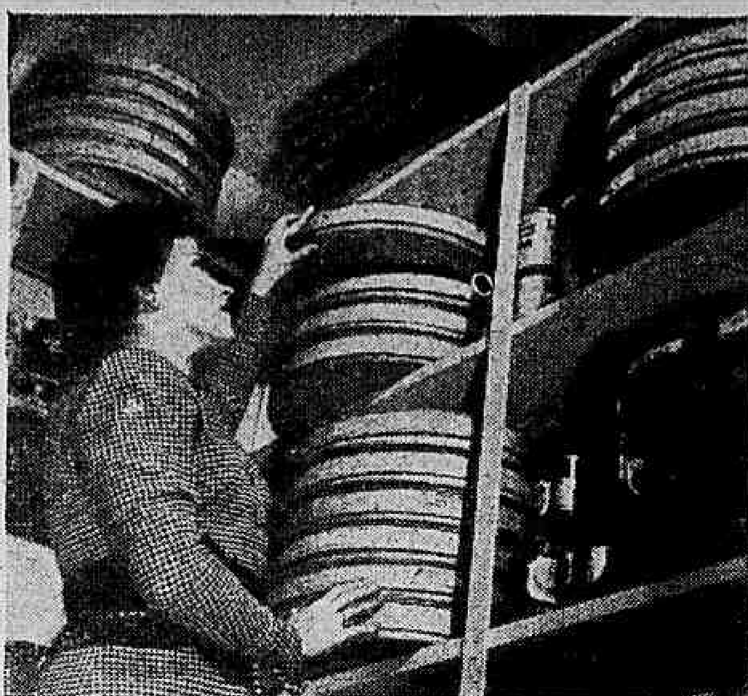
1938: Ainda a Primeira Dama da Bilheteria, a Shirley Temple de dez anos recebe a visita de outra Primeira Dama, a sra. Franklin D. Roosevelt, no seta de «Little Miss Broadway». Mais um sucesso.



1940: «Young People» marcou o fim da carreira cinematográfica de Shirley Temple como criança-prodígio. Já contando doze anos, os «make-up men» não conseguiam fazê-la parecer com oito ou cinco...



Quando John Agar conseguiu a oportunidade que desejava no cinema, pràticamente abandonou Shirley. Atualmente os dois estão divorciados. Shirley deixou o cinema. John tem a sua maior oportunidade em «Breaktrough»



Shirley conseguiu encontrar todos os filmes em que trabalhou, com exceção de uma pequena comédia que fez para a Educational, que ainda anda procurando. São os «souveniers» do passado...



Através dos anos as secretárias Gladys Drake (centro) e Ynez Hendricks colecionaram tôdas as reportagens publicadas sôbre a atual sra. Martin Black. As duas secretárias agora foram despedidas...



1942: Durante quatorze meses ficou fora da tela, sob o pretexto de que estava estudando. Apezar de tudo, ainda trabalhava no rádio no «show» «Júnior Miss. Ei-la cercada de livros... de publicidade.



1942: Shirley recebe o seu primeiro beijo cinematográfico de Dickie Moore, que ainda hoje anda por Hollywood tentando voltar a enfrentar câmeras. A sra. Temple não permitiu a divulgação da cena.



1944: Os soldados e marinheiros do Tio Sam quando visitavam a Cantina de Hollywood encontravam em Shirley Temple uma «garçonette» bonita e serviçal. «Sabe, ela errou a profissão...» — comentou-se.



1944: Após uma temporada fora da tela, Shirley Temple assinou um contrato com David Selznick para fazer o filme «Since You Went Away». Diziam ser êsse o marco de uma nova carreira para Shirley Temple



1944: O seu primeiro namorado — Roy Hotchkiss, do exército americano — leva-a para todos os lugares quando conseguia permissão... no quartel. Nessa época já conhecia John Agar há um ano, mas...



1945: Com dezessete anos Shirley estrelou «Kiss and Tell» e logo depois de distribuido o filme (boa publicidade), anunciou o seu noivado com John Agar, filho de uma conhecida viúva de Beverly Hills.

pessoal do estúdio se apaixonou imediatamente por ela, embora desconhecendo que, dentro de pouco tempo, ela não seria a namorada exclusiva do estúdio, mas de cento e trinta e cinco milhões de pessoas.

— *A Namorada da América!*

"Shirley, — escreve Jay Gorney num artigo publicado na revista "Modern Screen" — se entusiasmava com tudo o que condizia com a feitura de filmes — desempenhando o seu trabalho com grande seriedade. Um dia, logo após terem começado as filmagens, Jimmy Dunn pronunciou uma fala errada. Em tons de elevada indignação, Shirley o corrigiu. As câmeras continuaram rodando, enquanto ela o indireitava. Quando mais tarde isso foi exibido, por decisão unânime, ficou resolvido deixar essa cena no filme e se reescrever uma pequena parte do cenário, a fim de justificá-la.

Desde então, as deliciosas correções de Shirley tornaram-se uma incessante piada no "set". Deliberadamente, os artistas pronunciavam erradas as falas para ver se ela os apanharia. Ela nunca falhou uma única vez."

"Stand Up and Cheer" foi distribuido e o sucesso foi estrondoso. A Fox, que, como já disse, se achava numa situação caótica, havia investido uma pequena fortuna na feitura dêste filme — um milhão de dólares, coisa quase sem precedentes naquele tempo. Os acionistas estavam insatisfeitos e acariciavam a idéia de despedir Sheeham por incapacidade.

Chamado a Nova York, os acionistas disseram-lhe o que bem entendiam e êle, quando já ouvira o que êles pensavam e enquanto os magnatas lançavam mão de novos argumentos, apanhou a sua pasta e mostrando alguns papéis, disse:

— Aqui têm, cavalheiros, dez milhões de dólares! — Sheeham falou com uma simplicidade como se estivesse tratando apenas de alguns cruzeiros...

Explicou aos acionistas que a Fox vinha recebendo as mais fabulosas ofertas por Shirley Temple, em virtude de seu imediato sucesso em "Stand Up and Cheer". Ao invés de um atestado liberatório, Sheeham assinou um novo contrato de um ano, percebendo o salário de trezentos e sessenta e cinco mil dólares! Pouco depois, a 20th. Century, que há muito vinha cobiçando comprar os decrépitos estúdios da Fox por uma ninharia, alegremente acedeu em pagar

(Cont. na pág. 27)



1945: Uma verdadeira multidão se aglomerou por diversas quadras no dia do casamento de Shirley Temple com John Agar, na Igreja Merodista. Pouco depois, John ingressaria também no cinema.



1945: O casamento se realizou com meia hora de atrazo em virtude de David Selznick se ter demorado. A sra. Temple está radiante ao lado de David, contudo não se sabe se pelo casamento da filha ou...



1946: Muita gente fai atraida aos cinemas quando, em 1946, Shirley apareceu em «Solteirão Cobiçado», ao lado de Gary Grant e Rudy Vallee. Neste filme tomou o seu primeiro «drink» no cinema...



1947: Doze anos depois de Shirley haver recebido um «Oscar» especial infantil, entregou a segunda estatueta a Clau Jarman, Jr. por seu trabalho em «The Yearling». O outro é Harold Russel também premiado.



1948: Logo depois de John Agar ter feito a sua estréia cinematográfica em «Sangue de Heróis», ao lado de Shirley, nasceu a filhinha do casal. A vítima desse casamento de jovem inconscientes se chama Linda.



1948: Mais do que em qualquer outro filme de Shirley Temple, a fotografia assinala um momento surpreendente dêsse ciclo. Há pouco criança ou adolescente, Shirley, a mulher, é publicamente beijada por seu marido.

ESCRAVO DO PECADO

(Cont. da pág. 10)

Delaney. Êste ainda grato a Johnny por ter-lhe salvo a vida durante a recente guerra civil, permanece em silêncio. Mas êle diz a Violet que a matará, se vier a causar desgostos a Johnny.

O passado de Violet revela-se de maneira assustadora, causando-lhe um grande desastre. Um escróque aparece com a informação de que seu marido Henry Vaan ainda está vivo, fóra da cadeia e não se divorciou dela. Delaney descarta-se do escróque, porém Violet não se sente em paz de espírito. Ela mata o marido quando êle surge em La Mirada. Johnny é prêso pelo crime. Êle julga que Delaney matara Vaan para proteger o seu casamento. Protege Delaney recusando-se a falar. O mal entendido fica finalmente esclarecido quando Delaney e seus asseclas tiram Johnny da cadeia, e procuram fazê-lo atravessar a fronteira em companhia de Violet. Violet não resiste e confessa tudo. Delaney a obriga então a atravessar a fronteira com êle, deixando Johnny e Janet. Delaney e Violet são mortos pelos homens da lei. Johnny e Janet, depois de haver diminuido o seu pezar, casam-se e vão viver muito felizes em La Mirada.

A CENA muda

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 30,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

★

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

EZIO PINZA

(Cont. da pág. 17)

«Eu havia prometido a minha família que não teria relação alguma com aquêles boêmios que encontrava nos bastidores», diz a segunda sra. Pinza. «Ezio jura agora que pretendeu desposar-me desde a primeira vez que me viu, mas eu nunca o levei muito a sério».

«Em 1940», acrescenta a sra. Pinza, «a companhia do Metropolitan realizou uma excursão de primavera que terminou em Atlanta, no Estado de Georgia. Tivemos lá uma grande festa e Ezio pediu o número de meu telefone. Dei-o depois de muitas negativas, voltei para Nova York e não ouvi mais notícias de meu galante admirador durante seis semanas. Para dizer a verdade, eu estava morrendo por recebêr o telefonema, mas quando finalmente o recebi fiquei tão zangada que maltratei Ezio. Explicou-me que estivera viajando, em uma excursão de concertos, e acabara de regressar a Nova York. Prometi encontrá-lo — no consultório de meu pai. Levei-o a jantar em casa e Ezio pediu minha mão naquela mesma noite. Casamo-nos três meses depois».

Embora Pinza estivesse no auge de sua carreira como cantor lírico em 1941, começou a pensar em uma carreira artística que lhe permitisse ficar mais perto de casa, ao lado de sua espôsa e sua filha recém-nascida. Surgiu então «South Pacific» — e o resto, como se dirá na Broadway durante muitos anos, é a história.

A sra. Pinza aceita com divertida tolerância a adulação a que seu marido é submetido. «Aborreço-me às vêzes com as mulheres tolas que roubam flores de nosso jardim apenas pela possibilidade de terem sido plantadas por Ezio», diz ela.

A franqueza exige que se diga que o romântico Pinza em casa é apenas um bom espôso. Não há explosões líricas de canto, nem fervorosos protestos de amor eterno a tôda hora. Gosta de andar por sua casa de dez aposentos e pelos dois acres de jardim, consertando coisas. Considera-se um grande mecânico, mas manifesta essa sua tendência principalmente fazendo funcionar o complicado trenzinho elétrico que comprou para seu filho no Natal do ano passado. Como passatempo, anda de bicicleta pela cidade de Rye e dirige seu automóvel e sua lancha com imponente desprêso pela segurança.

Ao contrário de muitos cantores de ópera, Pinza não come demais, embora não precise preocupar-se com seu pêso. Sua refeição favorita consiste em um grande prato de sopa e pão molhado em caldo de carne. «Comida boa e simples», explica êle. «Da espécie com que fui criado».

Sua única excentricidade está em suas roupas. Gosta de casacos tipo esporte bastante exagerados e de camisas de côres berrantes. Talvez seja um confôrto saber que por baixo do encanto de Pinza existe um simples mortal com pés de barro. Até mesmo em seu galanteios tem cometido ratas.

Há alguns meses, perguntou a Mary Martin se aceitaria um testemunho de sua amizade e admiração profissional. Mary Martin sorriu timidamente e murmurou um pedido para que não fizesse alguma coisa muito impulsiva. Passaram-se as semanas e nada aconteceu. Finalmente, um dia, Mary Martin entrou em seu camarim e lá encontrou Pinza com o retrato a óleo que dela fizera. Mary Martin ficou profundamente comovida pelo gesto de Pinza, mas quanto mais olhava o retrato mais notava que havia alguma coisa errada. Finalmente compreendeu o que era e soltou um grito de horror.

«Como lhe é possivel tomar-me em seus braços oito vêzes por semana, olhando bem no fundo de meus olhos — e em seguida pintá-los azuis?» perguntou ela.

Pinza fitou-a durante uns momentos, bateu as mãos na cabeça com genuino remorso e exclamou: «De fato, são castanhos!»

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja intéligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. **Póde ser usado indefinidamente**, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo
Remessas pelo Reembolso

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



CORINE CALVET
(Paramount)



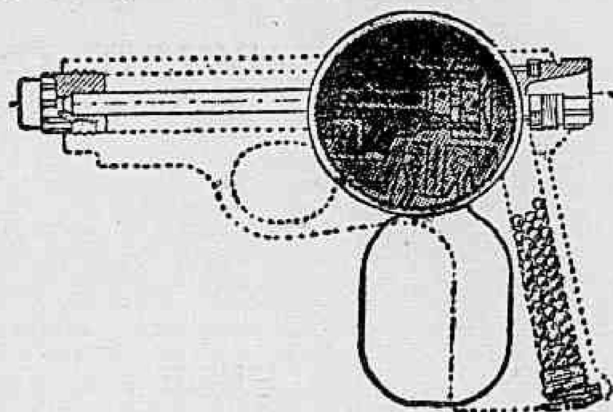
RENOVADOR DAS FÔRÇAS

É tônico poderoso

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15.00

ANTONIETA . . .

(Cont. da pág. 6)

— "Foi uma experiência emocionante. Trabalhar no cinema, embora nos falte o contacto e o calor do auditório, é empolgante, pois sabemos que iremos representar não apenas para uma "casa cheia", mas para muitos cinemas de milhares de lugares completamente lotados. Entretanto, o que mais me agradou foi o fato do poder participar no meu primeiro filme da companhia de minha mãe, por sinal representando no filme o papel de mãe da personagem que interpreto."

(De fato, Henriette Morineau, resolveu também, acedendo gentilmente ao convite de Mário Civelli, experimentar o cinema, num pequenino mas importantíssimo "role").

Esta, a sua "carreira" cinematográfica. Curta, porém de grandes possibilidades — já que lhe corre nas veias o mesmo sangue que ferve a alma de sua genitora, quando pisa o tablado de um palco para representar. Seu futuro é brilhante e promissor. Nada como aproveitá-lo. E Antoinette é uma moça sonhadora, cheia de idéias — e tudo fará para vê-los realizados. Porque talento e capacidade não lhe faltam.

MALVADA

(Cont. da pág. 15)

dente. A senhora vai para Hollywood, não vai? E, pelas malas, parece que vai para ficar.

— Talvez — Eve viu a si mesma começando a gostar da mocinha. — Ginásio Erasmus? Isso é em Brooklyn, se não me engano. Como conseguiu chegar aqui?

— Pelo "subway" — a mocinha sorriu, embevecida. — Não me importo se nunca mais voltar para casa — a campainha da porta tocou e Phoebe acrescentou: — A senhora vá descansar que eu vou ver quem é.

Depois de um breve murmúrio de vozes no "hall", ela voltou, trazendo a estatueta Sara Siddons. Eve supunha ter ouvido a voz de Addison lá fora, mas a mocinha negou, dizendo que fôra um chofer de táxi.

— A senhora esqueceu o prêmio no carro e êle veio trazer.

— Oh, faça o favor de pôr em uma das malas. Depois a embrulharei.

— Pois não, Miss Harrington — retrucou Phoebe — suave e modestamente. Uma criança tão trabalhadora... e tão doce.



ALGEMAS DE

(Cont. do número anterior)

A principio, ela protestou, mas ninguém conseguia opôr-se aos desejos de Jim. Num instante, os dois estavam dançando. Jim conduzia-a tão delicadamente que ela deve ter esquecido que era aleijada, pois não se podia notar absolutamente em sua maneira. O meu coração estava quase tão contente quanto o de Laura, quando voltei à cozinha, a fim de ajudar mamãe a lavar os pratos. Fiquei ainda mais contente ao ver os dois se encaminharem em direção ao Paraiso para dançar.

— Êle gosta dela — sussurrou mamãe. — Oh, Tom, da próxima vez êle lhe trará um presente. Tenho certeza que trará. Depois disso haverá mais visitas e piqueniques. Então, a aliança, abrindo o caminho para o altar. Oh, meu filho, sonhei, preocupei-me e rezei por êsse momento, da mesma maneira como você pensou na idéia de sair de casa. Agora, o deixarei partir.

Encarei-a, incapaz de acreditar no que acabava de ouvir.

— Está certa de que não perdeu os sentidos?

— Tom, desejo ver todo o mundo feliz — murmurou. — Agora estou feliz, Laura está feliz e desejo que você também o seja.

Mas, Laura não parecia muito feliz quando a encontrei na sala, depois de haver ajudado mamãe a lavar os pratos. Havia um olhar curioso estampado em sua face, enquanto olhava para o unicórnio quebrado, em sua mão.

— Lamento muito — Jim estava dizendo. — Foi burrice minha encostar-me à mesa daquela maneira. Quebrei aquêle chifre na testa dêle.

— Eu sei — suspirou Laura. — Talvez tenha sido uma bênção dis-

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

farçada. Talvez não se sinta tão sòzinho novamente, agora que se parece com os outros cavalos. Leve para você como lembrança.

Senti que mamãe empurrava-me para a sala.

— Fiz um refrigerante para vocês — disse alegremente. — Vou deixá-lo aqui e sair imediatamente. Sei que os jovens gostam de ficar a sós.

— Não vá, Mrs. Wingfield. Tenho de retirar-me. A senhora sabe, Betty foi para fora por alguns dias e prometi encontrá-la.

— Betty? — surpreendeu-se mamãe. — Quem é Betty?

Foi Laura quem respondeu de um modo tão natural, que me senti orgulhoso dela.

— Ora, Betty é a moça com quem Jim vai casar-se. Êle estava falando a respeito dela. Quando você e Betty não tiverem nada o que fazer uma noite dessas, gostaríamos que nos visitasse.

Mamãe mal esperou que a porta se cerrasse atrás de Jim para dizer:

— Por que você sorri como se alguma coisa boa houvesse acontecido? Divertindo o noivo de uma outra mulher... convidando-o para voltar! E você? Foi uma ótima peça a que nos pregou!

— Não sabia que êle era noivo — respondi. — O depósito é o lugar onde trabalho, não onde me informo sôbre as vidas dos outros.

Mamãe dirigiu-me aquêle seu terrível olhar.

— Você não sabe coisíssima alguma em lugar algum — prosseguiu sarcàsticamente. — Você vive num sonho, manufaturando ilusões. Pode ir, saia de casa exatamente como o seu pai o fêz. Viveremos sem você. Sou bastante forte para proteger Laura. Pode ir para a lua, seu... sonhador egoísta!

Ela não pensava e aquilo era apenas mais um de seus desafios selvagens. Mas, de repente, eu corria, descendo as escadas de incêndio, fugindo para a vida, enchendo os pulmões com o ar da liberdade.

De San Francisco telefonei para Laura, depois de minha primeira viagem no cargueiro.

— Perdoe-me por ter fugido.

— Por favor, Tom, — a sua voz suave chegou-me aos ouvidos através do telefone — não se preocupe por mim. Estou muito bem. Há um rapaz — Richard — que Jim me apresentou na noite em que nos visitou com Betty. E êle... êle vem aqui sòzinho hoje à noite e eu estava preparando-me. Assim, Tom, faça o que sempre pretendeu fazer. Viaje e escreva... e seja feliz. E talvez algum dia você alcance a lua...



CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Supér eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS

CINE - TESTE

RESPOSTAS

TÍTULOS ORIGINAIS:

1—Little Women
2—Easy Living
3—The Big Steal
4—Jingle Jim
5—The Girl from Jones Beach
6—Johnny Alegro
7—You're my everything
8—A man about the house
9—Rogher's Regiment
10—Familly honeymoon
11—Street of Laredo
12—The inside story
13—Colorado Territory
14—The red menache
15—The red pony

TÍTULOS EM PORTUGUÊS:

1—Anjo perverso
2—Caravana de Bravos
3—Duas vidas, dois destinos
4—Carmen
5—Macário contra os bandidos
6—Ladrões de bicicletas
7—Mulher perversa
8—O gostosão
9—O inspetor geral
10—Armadilha
11—Amei até morrer
12—Quarteto
13—A grande ilusão
14—Fúria Sanguinária
15—A margem da vida

MORREU SHIRLEY...

(Cont. da pág. 22)

milhões... por Shirley Temple. O estúdio foi apenas uma "quebra".

Os anos passavam e Shirley com êles tinha o prazer de aumentar uma meia polegada, acrescentar alguns milhares de fãs aos seus milhões de namorados e mais alguns centavos em seus astronômicos salários.

Enquanto isso, os sucessos se sucediam. "Little Miss Marker"... "The Little Colonel"... "Dimples"... "Stowaway"..., e muitos outros, todos filmes que rendiam milhões aos estúdios da Fox, agora incorporados à 20th Century.

Shirley começou a freqüentar a escola e a estudar, o que naturalmente sempre achou mais difícil do que representar. Não tinha noção, porém, da preocupação de sua mãe. Esta, inteligente, bem reconhecia que Shirley já estava começando a cansar as platéias e, com o pretexto de que Shirley ia dedicar-se exclusivamente aos estúdios, em 1937, tirou-a temporàriamente de frente das câmeras.

No próximo ano fêz dois filmes e no ano seguinte sòmente dois também. Até então vinha fazendo quatro, cinco películas anualmente.

Os anos foram passando e de uma feita Shirley passou um ano e quatro meses longe da tela. Rescindiu o seu contrato com a Fox e ficou como "free lancer" — o primeiro sinal de decadência — trabalhando sòmente ocasionalmente.

Veio o casamento com John Agar e como o acontecimento repercutisse mundialmente, tentou fazer uma "reentrée" com aquêle "Solteirão Cobiçado". No entanto, sòmente tornou mais forte no público a impressão de que Shirley Temple — a antiga namorada da América — já não mais existia. Desaparecera.

O condescendente e sentimental público até mesmo separou a garôta Shirley Temple da sra. John Agar. Aquela, era uma garotinha encantadora, cujas covas apareciam quando um sorriso infantil iluminava a sua face, debuxando-se em seus lábios. Esta... esta era uma outra Shirley Temple. Esta era a sra. John Agar, uma mulher como qualquer outra do cinema americano. Não tinha beleza e os anos que passaram desde aquêle delicioso "Stand Up and Cheer", levaram com êles a sua graça e as suas deliciosas covinhas... Hoje, é casada e divorciada, usando agora o nome de seu segundo espôso.

Assim, Shirley Temple morreu e dentro de pouco tempo o seu canto de cisne ("Story of a Sea Biscuit") será exibido entre nós. Felizmente, ela também compreendeu êsse fato e ao ver esta película na "première" mundial, sentiu que as lágrimas escorriam de seus olhos, incendiando as suas faces...

Creio que todos temos prazer em nos lembrar de Shirley Temple, mas da mesma maneira, negaremos que tenha existido uma Shirley Temple adulta, admitindo, porém, que uma mulher chamada sra. John Agar, indevidamente usurpou o nome de uma atriz infantil — quase maculando-o — que se chamava Shirley Temple.

Hoje, nem Mrs. John Agar existe. Vive apenas, em alguma parte dos Estados Unidos, uma senhora que se chama Mrs. Martin Black...

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
PREÇO: — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —

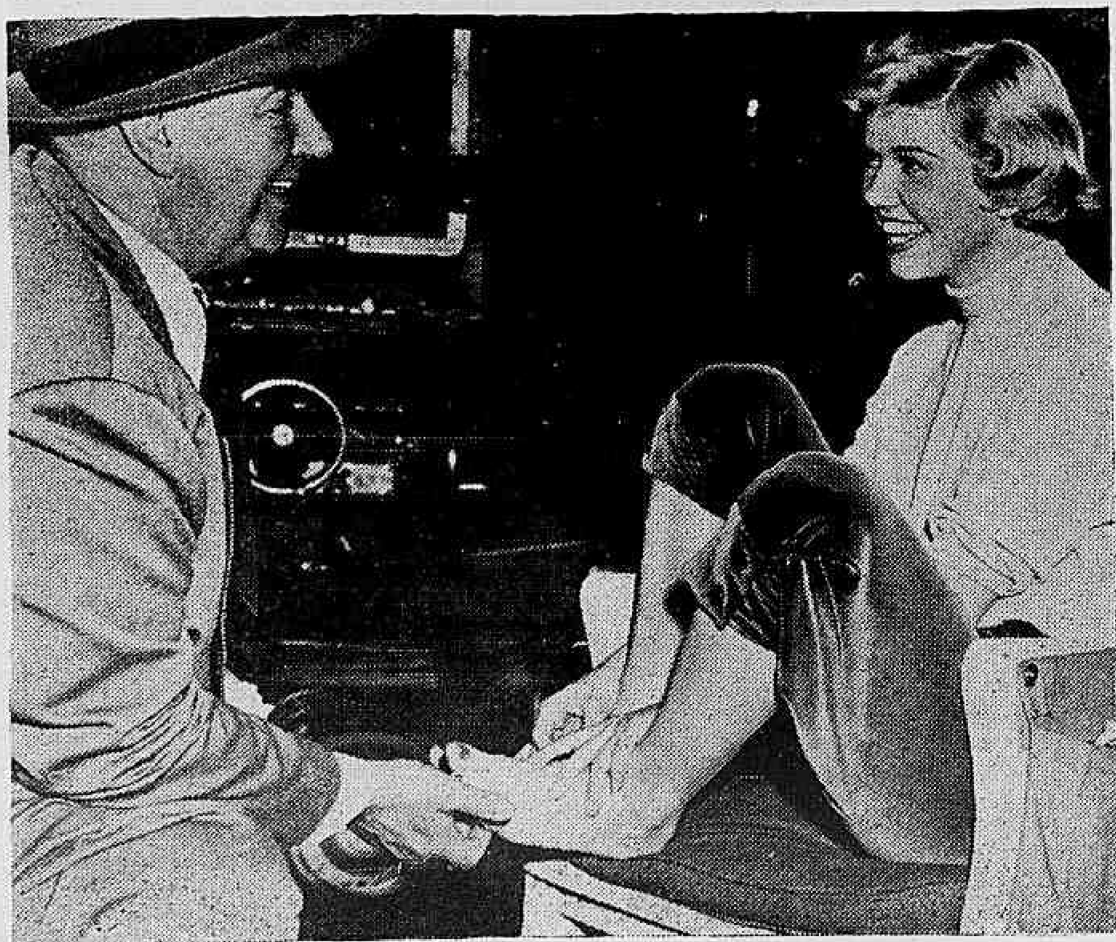


BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos



Patrice Wymore, cantora e dansarina, dos palcos de New York, presentemen te trabalhando no musical em tecnicolor da Warner Bros., «No, No Nanette», conversa sèriamente com o diretor de dansas «Le Roy Prinz.

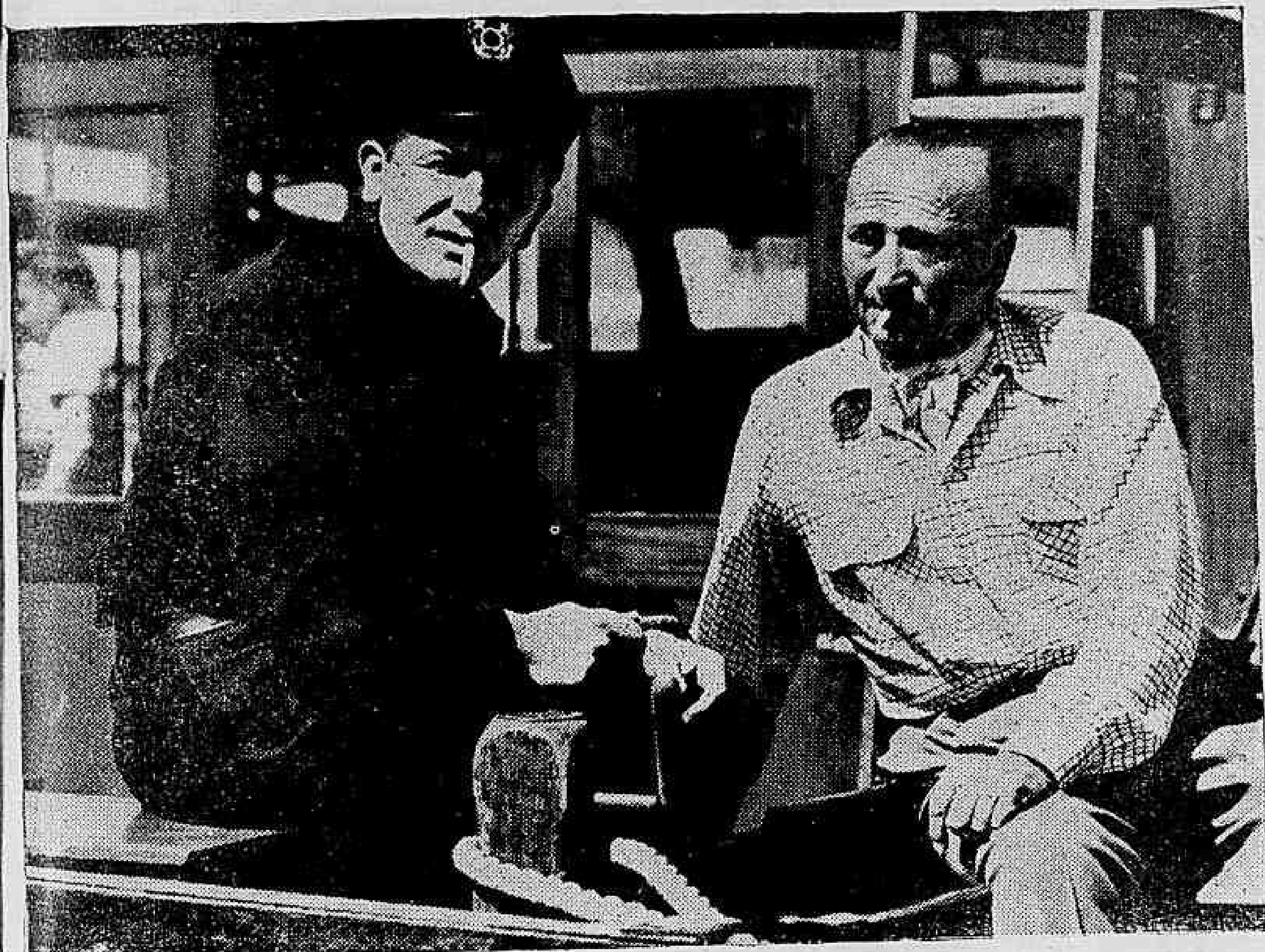
DIRETORES EM AÇÃO



O diretor David Butler brinca de «Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bôlo, etc», com os pés de Doris Day num intervalo da filmagem da película da Warner Bros., «No, No, Nanette».



O produtor Samuel Goldwyn interrompeu um bate papo entre o diretor Mark Robson e o astro Dana Andrews, durante um intervalo de filmagem de «Edge of Doom», da R.K.O., cujos astros centrais são Farley Granger e Joan Evans.



John Garfield e o diretor Michael Curtiz, conversam num momento de repouso entre uma cena e outra da película da Warner Bros., «The Breaking Point». (Redenção Sangrenta).



O diretor Raoul Walsh indo visitar seus amigos Virgínia Mayo e James Cagney, no set da filmagem do musical da Warner Bros., «The West Point Story», conta-lhes como se defendeu de um agressor. Nem James Cagney, nem Virgínia Mayo parecem acreditar. Êle até não é de briga!

RENÉ CLÉMENT,
UM REALIZADOR CEM POR CENTO

Ficha: Nasceu em Bordéus, França, a 18 de março de 1913. Estudou arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris. Interessou-se por cinema a começar de 1931, rodando filmes de amador, depois desenhos-animados em 35mm. Abandonou os desenhos para se tornar operador. Durante êsse tempo realizou vários documentários para o Serviço Cinematográfico da Armada. Em poucos anos, tanto como cinegrafista como quanto diretor, rodou umas três dezenas de curta-metragem, entre os quais: «La bièvre», «Occitam», dois filmes sôbre a Exposição de Paris, 1937, «Paris la nuit», «Soigne ton gauche», (sketch cômico com Jacques Tati) e diversos filmes como «Le triage» para a S.N.C.F.

Em 1938 percorreu com um arqueólogo a Arábia onde realizou três filmes em côres. Durante a guerra trabalhou na zona sul com Alekan e realizou três filmes para o Centro dos Jovens, notadamente «A Grande Pastoral» e «Ceux du rail». Em Em 1944 roda enfim o filme sôbre a resistência dos ferroviários: «Batalha dos Trilhos», que lhe valeu o Prêmio da Direção no Festival de Cannes de 1946. Colaborador técnico de Jean Cocteau para «A Bela e a Fera» e de Noel-Noel para «Le pére tranquille».

René Clément chegou muito jovem ao cinema e depois de haver realizado seus estudos de arquitetura. Esta formação artística particular deu-lhe logo consciência da necessidade de uma técnica, e como técnico foi que êle abordou o cinema. A fita de aficionado lhe permitiu desde sua primeira mocidade compreender a complexidade da ferramenta de que se queria servir e, durante muitos anos, passando de grau de amador ao de profissional de curta metragem, interessou-se por tôdas as engrenagens com o objeto de possuí-las melhor e dominar uma mecânica da qual desejava conhecer os segrêdos.

Operador, montador, realizador, êle «rodou» uns trinta curtos dos mais diversos gêneros, indo desde o documentário mais sêco, como o das fôrças hidráulicas do maciço central, por exemplo, até o sketch cômico com Jaques Tati — o protagonista do grande filme da Art «Dia de Festa». Nesta progressão fazia um esfôrço criador sempre crescente, ou «in crescendo»... René Clément mostra já que êle considera o cinema como um meio de expressão e não apenas como uma forma registradora... Todavia, traz para esta tal consciência e tal habilidade que, durante muito tempo, ver-se nele sobretudo um realizador fiél ao documento até na ficção dramática. («A Batalha dos Trilhos», e mais recentemente «Os Malditos» e «Três Dias de Amor»). Os curta-metragem que René Clément roda então, entre os quais muitos filmes de turismo e viagens, conduzem-no através de muitas províncias francesas, a Tunis e às cidades proibidas do Iemen onde segue a um arqueólogo em missão. Desde o Sinai até o território de Aden «roda» três películas em côres e nas condições mais difíceis. O pretexto de que se valem os expedicionários é um projeto de poço artesiano. Clément é qualificado de engenheiro e, não podendo fingir-se árabe porque tem olhos azuis, faz-se passar por turco. Assim penetra nas famosas cidades da Arábia do sul onde «nenhum infiél» pode circular. Em Moca, em Saar registra incomparáveis documentos, mas termina por ir parar em uma prisão das mil e uma noites. De lá sai para ser conduzido, bem custodiado, à fronteira do território de Aden entre duas filas de árabes furiosos que lhe cospem no rosto. Alguns anos mais tarde «rodando» «Ceux du Rail» sôbre uma locomotiva, Clément se fere gravemente, ao passar por uma ponte.

Nisso tudo presidia mais o senso da verdade que o da aventura. E sobretudo a vontade de enriquecer seu ofício de experiências novas que lhe permitissem ir sempre mais longe.

Em «A Batalha dos Trilhos», sua primeira grande película, a ficção é de tal modo restrita e a forma tão rigorosa que se considera esta evocação da Resistência dos Ferroviários como um verdadeiro documentário. De obra em obra, René Clément prossegue metòdicamente o que êle chama «suas classes», explorando sem cessar novos domínios com a dupla vontade de trabalhar para si e alcançar uma simplicidade bastante eficaz para interessar o espectador em conflitos puramente interiores nos quais os acontecimentos são muito insignificantes.

Desde «A Batalha dos Trilhos», película de ação sem «estrêlas», até «Os Malditos» e «Três dias de amor», películas de estrêlas onde a ação é banal e queda voluntàriamente reduzida, René Clément encerrou uma espécie de circuito. Terminou para êle o tempo dos estudos.

René Clément não é daquêles que pretendem possuir a verdade ou o gênio; mas êle fez os seus primeiros passos pelo caminho que sempre desejou seguir e agora sabe perfeitamente aonde vai, isto é, tem consciência do seu trabalho.

A apresentação de «Os Malditos» (premiado em Cannes) e de «Três dias de amor» (igualmente premiado em Cannes) será feita ainda êste ano no Brasil.

Aguardem o

ANUÁRIO DO

ESPORTE Ilustrado

DE 1951

que já está em confecção,
trazendo todo o movimento
esportivo do ano



O mais completo no genero



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo.

AVISO AOS NAVEGANTES
(produção nacional)

MAIS um carnavalesco da Atlântida e, como sempre, superior aos demais do gênero fabricados aqui em casa. Direção de Watson Macedo, baseado num argumento de sua autoria. Nem superior nem inferior às suas produções musicais anteriores. Foi feito com o objetivo exclusivo de divertir, apresentando sucesso do carnaval, com situações engraçadas e um permanente senso de humor, defendido por Oscarito e Grande Otelo. Se fôssemos tomar em consideração o conteúdo da história, o andamento da narrativa, sua estrutura técnica, estaríamos incluindo-nos entre os que exigem muito de tal gênero de espetáculos. Nesse ponto, não hesitaríamos em situar a película num padrão medíocre, semelhante aos filmes musicais da Metro, com a diferença que aquêles ainda levam a vantagem do tecnicolor e da técnica cem por cento perfeita como é a americana. Contudo, dentro dos propósitos a que se dispôs, «Aviso aos Navegantes» atinge perfeitamente o seu objetivo: diverte noventa e nove por cento das platéias. Oscarito repete os mesmos trejeitos e consegue provocar o riso. E', indiscutivelmente, um artista que muito pode dar no cinema e, nas mãos de Macedo, fica realmente engraçado. Grande Otelo continua o mesmo, sem evoluir e sem regredir. Mas parece que está com menos popularidade atualmente. Anselmo Duarte pouco faz; é o rapaz simpático que vive a figura do galã tipo manequim. Eliana, às vêzes engraçadinha, nada mais é do que isso. Aparecem ainda Ruy Rey e sua orquestra, Bené Nunes e orquestra, Ivon Cury, Emilinha Borba e outros. Do ponto de vista cinematográfico é um espetáculo pobre; do ponto de vista de diversão para um público pouco exigente, diverte.

Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 5

PECADO SEM MÁCULA
(Side Street)

Anthony Mann se tem revelado, com seus últimos trabalhos diretoriais, um dos mais promissores diretores de Hollywood. «Winchester 73» e «O Caminho do Diabo» bem atestam o seu talento. Mas é nesse «Pecado Sem Mácula» onde êle se sente mais à vontade, revelando-se um diretor seguro, eficiente, conduzindo a narrativa com rara habilidade e sempre mantendo o espectador numa tensão nervosa, tanto mais acentuada pelo cenário inteligente de Sydney Bohem. À semelhança de «Cidade Núa», de Dassin «Pecado Sem Mácula» focaliza um crime, ou, antes, vários crimes, ocorridos na turbulenta e agitada cidade de Nova York, e mostra-nos como um jovem inexperiente e ambicioso, ao tentar roubar 200 dólares, acaba roubando a vultosa sôma de 30.000. Desejando devolvê-los, movido pelo remorso, especialmente depois que sua espôsa dá à luz uma criança, vê-se envolvido numa trama complicada, terminando por ser seguido pela polícia, como suspeito do assassinato. Êsse o esbôço do argumento. Mas há, em tôda a película, uma fusão tão perfeita de talentos (fotografia de Joseph Ruttemberg; screen-play de Sydney Bohem; partitura de Lennie Hayton; interpretação de Farley Granger, Catthy O'Donnel, James Craig — irrepreensível —, Jean Hagen — uma novata que promete — Paul Kally e outros; e especialmente a direção concreta e eficaz de Anthony Mann) que o filme resulta satisfatório sob todos os pontos de vista. E' vigoroso, violento, agitado, trêmulo, apreensivo, tal como a própria cidade de Nova York. Algumas cenas são inéditas no setor cinematográfico e produzem um grande efeito, como a perseguição final que quatro ou cinco carros da Rádio-Patrulha fazem ao carro do criminoso, pelas ruas desertas da cidade, numa manhã de domingo. Essa cena é quase que inteiramente tomada do alto dos arranha-céus, intercalada com «closes» ligeiros de carros derrapando nas curvas, onde o som permanente das sirenes completa o quadro realmente espetacular. Montagem perfeita, sem falhas, o rítmo obedece à agitação que o diretor imprimiu ao espetáculo, até chegar ao «climax», culminando com uma espetacular capotagem do carro e o conseqüente baleamento do criminoso, quando êste tenta evadir-se, logo após. Espetáculo apreciável, que eleva Anthony Mann à categoria de um dos bons diretores de Hollywood. Elaborado no estilo semi-documentário, e embora apresentando uma história de ficção, tem todos os traços de autenticidade. Vale a pena.

Cotação artística. 3.1/2 — Cotação comercial: 3.

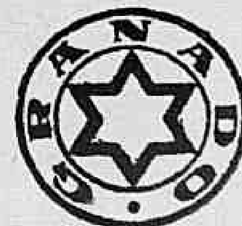
SOB O MANTO DA NOITE
(The Great Jewel Robber)

Ao contrário de «Pecado Sem Mácula», êste filme é baseado numa história real, contando episódios da vida do conhecido ladrão de casaca Jewel Robber, que ocupou, durante algum tempo, os noticiários dos jornais. Jewell era considerado o Rafles de Hollywood, tendo mesmo assaltado várias residências de estrêlas do cinema, inclusive de Joan Crawford. Sem dúvida, sua carreira de ladrão elegante daria margem para um espetáculo cinematográfico de primeira, mas tanto o «script» original como o cenário são por demais deficientes para que Peter Godfrey pudesse fazer alguma coisa aproveitável. O resultado é um desastre, pois «Sob o Manto da Noite» nada mais é que uma série de fascículos mal concatenados por um fio frágil, e que nem por um momento entusiasma o fã mais fervoroso dos policiais. Embora verdadeira, e não sabemos até que ponto, a história se nos afigura falsa e inconvincente. David Brian, um astro que sobe lentamente os degraus da fama, nos dá o seu pior trabalho — e não é por culpa sua. O rapaz tem talento e deve ser melhor aproveitado. Figuram ainda Marjorie Reynolds, John Archer, Jacqueline DeWitt, Alice Talton, e outros. Fotografia limpa e música razoável. Algumas cenas boazinhas, perdidas numa imensidão de diálogos, sem conseguirem obter um «clima» e uma «atmosfera» que o diretor Peter Godfrey não pôde dar ao celuloide, como exigia o tema.

Cotação artística: 1. 1/2. — Cotação comercial: 2. 1/







JOÃO FREY

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



IDA LUPINO

A fabulosa Ida Lupino, uma das grandes atrizes do cinema moderno, ao lado de Anna Magnani, Bette Davis, Joan Fontaine, Vera Ivaxeva, Isa Miranda, nasceu em Londres, Inglaterra, a 4 de fevereiro de 1916. Tem olhos azuis e cabelos louros, medindo 5 pés e 3 polegadas de altura, e pesando regularmente para uma dama de seu porte. Já estêve casada com alguns astros, entre êles o conhecido Louis Hayward. A princípio, de 1931 a 1933, atuou no cinema britânico, transferindo-se para Hollywood em 1934. Ali já trabalhou para a Paramount, United Artists, RKO Radio, Warner Bros., Columbia Pictures e Universal-International, sendo atualmente produtora e diretora de sua própria companhia, distribuida pela RKO. Na primeira fase de sua carreira, na América, foi mal interpretada: os produtores só lhe davam papéisinhos em comédias de terceira categoria. Depois de «A Luz que se Apaga» é que o seu talento dramático foi revelado. Ida alcançou o merecido posto quando estêve contratada pela Warner, a que pertence a foto que ilustra esta notícia. Não vamos citar os sete filmes em que apareceu na Grã-Bretanha, todos êles inéditos no Brasil. Mas de 1934 a relação de suas películas é a seguinte: «A Conquista da Beleza», «Galgos e Ninfas», «Surprêsas de Cupido», «Bonita e Ladina», «Primavera em Paris», «Amor sem fim», «Aconteceu numa tarde chuvosa», «Fuzarca a Bordo», «O Mundo é Meu», «Heróis do Mar», «Agora convém casar», «Viva o Cassino», «Artistas e Modêlos», «Capangas do Barulho», «Amor em Budapeste», «Sherlock Holmes», «A Luz que se apaga», «Dentro da Noite», «O último Refúgio», «O Lôbo do Mar», «Quando a noite cai», «Mistério de u'a mulher», «Brumas», «Ao levantar do pano», «E' difícil ser feliz», «Para sempre e um dia», «Graças a minha boa estrêla», «Viveremos outra vez», «Um sonho em Hollywood», «Que falta faz um marido», «Devoção», «Meu único Amor», «Quero-te junto a mim», «O Vale do Destino», «A Taverna do Caminho», «Escravos da Ambição», «Entre o amor e a morte», «O Mundo é Culpado» e «Mad with much heart».



VERA NUNES

VERINHA, que (caso raro, raríssimo no Brasil!!!) **não foi** «descoberta» pelo meu amigo Fernando de Barros, nasceu no Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil, em um dia 12 de agôsto não muito distante. A noiva de Carlos Couto é bonitinha, simpática, e talentosa ,também. Tem um sorriso «permanente» que lhe dá uma graça imensa. Cabelos castanhos claros e olhos... Bem, não me lembro da côr dos olhos de Verinha. Não nos vemos há quase dois anos. Mas que são bonitos, isto são mesmo! O seu caso é diferente de muita gente: só veio a ganhar experiência teatral **depois** de haver trabalhado em várias produções cinematográficas. Êsses filmes foram: «Noites de Copacabana» (que anda sendo exibido com outro título: «Um beijo roubado»), «Pinguinho de Gente», «Não me digas Adeus», «Falta alguém no manicômio», «Também somos irmãos», «A Garóta de Minas» (inédito até hoje, parece que inacabado...) e «Uma luz na estrada». Em seguida a essa intensa atividade nos estúdios, Verinha passou-se para o grupo de Fernando, atuando ao lado de Tônia e outros valôres da ribalta e da tela. Agora, depois de longo intervalo, volta a enfrentar os refletores em «Presença de Anita», da Maristela de São Paulo, interpretando um papel difícil, o de Diana (que na minha opinião não se conjuga com a sua personalidade de «ingênua» eterna) e já será a estrêla da próxima produção da mesma companhia cujo argumento o inteligente Alex Viany está concluindo.



JOHN HODIAK

O marido de Anne Baxter, ilustre senhor John Hodiak, nasceu em Pittsburgh, cidade do aço e da Pensilvânia, Estados Unidos da América. Não diz quando, mas não foi há muito tempo, ao que parece. Depois dos estudos universitários foi ser locutor de rádio e daí pulou para o cinema. Sua carreira em Hollywood foi feita quase tôda na Metro Goldyw Mayer, companhia que o tem sob contrato. Entre os seus trabalhos mais notórios figuram «Muralhas de Jericó», «Canção da Rússia», «Um barco e nove destinos», «A felicidade vem depois», «Um sonho de domingo», «O Sino de Adano», «Algemas para dois», «As garçonettes do Harvey», «A Filha da Pecadora», «O amor que me deste», «O Caso Arnello», «A Mulher Sem Nome», etc. John Hodiak, com o consentimento da espôsa, linda e um milhão de vêzes mais talentosa do que êle, já andou beijando Tallulah Bankhead, Lana Turner, Gene Tierney, Judy Garland, Lizabeth Scott, Frances Gifford (por onde anda essa morena tão gostosa?!), Hedy Lamarr e outras beldades.



O cinema brasileiro tem em Rocir Silveira um dos seus mais promissores atores, a caminho do estrelato. Rocir atuou inicialmente em «Falta alguém no manicômio», mas o seu grande papel foi o do irmão de Anselmo Duarte em «A Sombra da Outra». Mas agora Rocir fez uma parada que não se justifica. Está perdendo, no mínimo, experiência. Êsse carioca precisa de novas oportunidades. Onde estão os nossos caçadores de talentos que não vêm isso? Hein, Watson? Hein, Zampari? Hein, Burle, Hein, Fenelon? Hein, Lulú? Hein, Roulien, Hein, Cavalcanti? Hein, hein, hein? Rocir tem uma máscara que precisa urgentemente de ser aproveitada! E boa vontade! E muita inteligência! E muita expressividade dramática inexplorada!



ROCIR SILVEIRA

música

UM POUCO DE LISZT E CHOPIN

SAIDO da escola de Beethoven Liszt herdou a arrogância leonina do grande compositor associando-se todavia ao brilhantismo húngaro. Possuidor de técnica ilimitada, inteligência fulgurante e assombrosa capacidade interpretativa. Nunca artista algum gum teve como Liszt, a facilidade de executar com absoluta perfeição e profundeza humana os grandes imortais. Do clássico ao romântico, em todos os estilos era sempre o genial intérprete. Foi o primeiro pianista a realizar concertos totalmente compostos de obras escritas para piano. Paris na época do romantismo, tentou opôr Segismundo Fhalberg e Liszt, porém sem lograr êxito.



NO flagrante acima vemos Serge Koussevitzky cumprimentando o jovem maestro carioca Bernardo Federowisky depois do recital que o mesmo deu em Tanglewood, regendo a famosa orquestra do Berkshire Music Center. Federowisky está, atualmente, cursando a Julliard School já que, num concurso realizado em Tanglewood, conseguiu arrebatar para o Brasil o primeiro prêmio em regência no mundo inteiro, depois de árdua luta com um israelita. Entre os seus mestres destacamos Jean Morel, um dos mais famosos professôres do mundo e Koussevitzky, regente, há 25 anos da Orquestra Sinfônica de Boston. Ao terminar o curso, nosso patrício receberá diploma de doutor em música.

CHOPIN

FOI considerado o tipo ideal de intérprete romântico. Empregava com frequência o «rubato» isto é, alterava o andamento para fins emotivos. Chopin não limitou suás inovações apenas a forma expressiva; adotou novos metodos de execução: o emprêgo do polegar sôbre as teclas pretas, reunião de duas teclas sob o mesmo dedo, alargamento da mão e modificação do dedilhado conforme as exigências da música, foram novas normas adotadas para alcançar o ideal na execução. Embora não tivesse sido aluno de Field, tomou-o por modêlo podendo desta forma ser considerado seu discípulo. Foi o poeta do teclado, tendo escrito para o piano a obra mais completa. Prelúdios, baladas, esquerzos, valsas, 2 concertos para piano e orquestra, tarantelas, berceuses, etc tôdas impregnadas de profunda beleza romântica.

OSWALDO DA CUNHA

NOTICIÁRIO

TEMPORADA LIRICA OFICIAL

FORAM designados por ato do Prefeito, os srs. Sílvio Piergile e Oswaldo Sento Sé, para exercerem os cargos de coordenador artístico e diretor financeiro, respectivamente.

GRANDE INTÉRPRETE DE BEETHOWEN

APÓS um recital em que se apresentou para o Presidente Truman, a magnífica pianista inglésa, Dame Myra Hess, foi considerada pelo «Times Herald» como uma das mais perfeitas intérpretes de Beethowen, nestes últimos vinte e cinco anos.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONCERTOS

SEGUNDO informações recebidas, foram contratadas para a temporada de 1951, além de uma cantora e um violinista, os pianistas Backaus e Rubstein, e o Côro dos Cossacos do Don, dirigido por Jaroff. As inscrições para sócios novos e renovação de assinaturas já se acham abertas, na sede da Associação, na rua México 74, sala 601, todos os dias das 9 às 12 e das 14 às 17,30 horas. (Sábados das 9 às 12). Os sócios de 50 terão seus lugares reservados até 15 de Março, os novos sócios que se inscreverem até 28 dêste mês estarão isentos de jóia.

VOLTA à atividade êste ano, o Teatro Experimental de ópera, sob a direção da professôra Alda Pereira Pinto. O espetáculo de estréia está marcado para o dia 1º de março no Teatro República. Do repertório constam as seguintes óperas: Trovador, Traviata, Cavaleria Rusticana, e «Lenda de Irupé», esta última de autoria de Newton Pádua. O T.E.O. contará com a colaboração dos maestros Afonso Martinez Grán, Newton Pádua, Werther Napolitano, Mário Bruno, André Vivante, e Roberto Schalaeffer. Os ensaios estarão a cargo da professôra Carmen Gomes e atuará como contra-regra João D'Angelo.

MAIS UM LIVRO SÔBRE MÚSICA

ACABA de aparecer em Haia, mais uma publicação sôbre música; trata-se do livro «Um século de música holandêsa» de autoria do professor Edward Reeser o qual vem despertando grande interêsse nos circulos artistico-musicais daquela capital. O professor Reeser leciona História da Música na Universidade de Utrecht. Entre as suas publicações de maior importância encontra-se um trabalho sôbre a vida e a obra do compositor holandês Alphons Diepenbrock (1862-1921), assunto em que o prof. Reeser é uma autoridade relevante.

Pausa para meditação



MALA POWERS (R K O)

NOTÍCIAS

Como é sabido, a Metro Goldwyn Mayer deslocou para a Itália uma grande equipe de produção para a realização de um filme cujo projeto durante muitos anos ocupou os seus técnicos, dada a grandiosidade do assunto e, consequentemente, os enormes meios materiais e financeiros que um tal empreendimento exigia. Trata-se da adaptação à tela — mais uma vez! — da famosa obra de Henrich Sienkiewiks sob os primeiros passos do criminalismo que o título de «Quo Vadis», imortalizou

Há uns três meses que nos estúdios romanos da Cinecitita, ampliados e apetrechados especialmente, se procede, sob a direção de Mervyn Le Roy, à realização da nova versão do romance celebrado através de gerações e gerações, e que Robert Taylor, Deborah Kerr, Max Baer e um grupo grande de atores de maior ou menor importância, a par de uma multidão enorme de figurantes, são os intérpretes.

No entanto, o que nem tôda a gente terá conhecimento é o fato de elementos portuguêses, contratados especialmente, terem colaborado em algumas das passagens mais arriscadas e perigosas que o filme apresentará.

De fato, por intermédio da agência em Lisboa daquela emprêsa produtora americana, foi contratado um grupo de forçados amadores portuguêses dos de mais prestígio e valentia com que conta o toureio português. A título de elucidação para quem não conheça as características das nossas touradas diremos que os moços de fora dos elementos típicos do toureio à portuguêsa, são corajosos e destemidos rapazes que, enfrentando e incitando o touro por forma a que o animal para êles acorra, o agarram e o dominam pela fôrça dos seus músculos, de rija têmpera.

Pois bem; recentemente, foi filmada uma das mais espetaculosas e difíceis cenas de «Quo Vadis?» e em que intervieram os destimidos forçados portuguêses.

Tratava-se da conhecida passagem em que era mostrado o sacrifício de Lígia por professar a fé cristã.

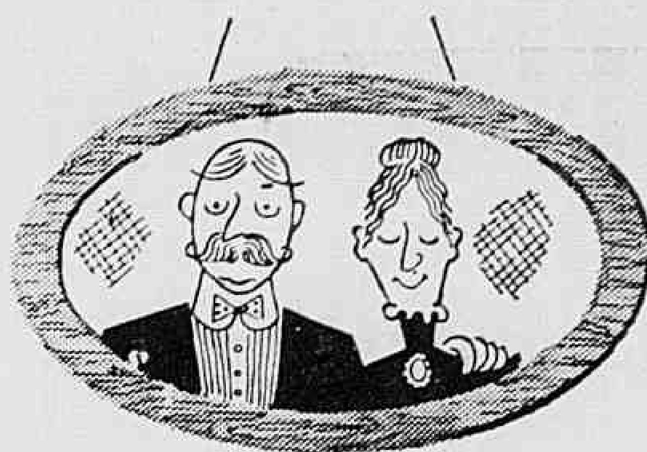
Nela intervieram, além da atriz inglêsa Deborah Kerr, que interpreta aquela personagem, os ousados forçados portuguêses, além dos próprios touros bravos que têm na cena um papel capital e que, num total de dez, foram adquiridos a criadores portuguêses.

As filmagens provocaram, como se calcula, o maior interêsse. Num dos intervalos dos ensaios dessas difíceis cenas, os jornalistas italianos, impressionados com o que haviam observado, perguntaram a Deborah Kerr se não tinha receio de estar amarrada a um poste colocado no recinto onde um touro à volta fazia evoluções. A conhecida e bela vedeta apressou-se, contudo, a declarar que a princípio a cena a havia apavorado, mas que passou a nada temer depois de ter visto a perícia e a valentia com que os forçados portuguêses dominavam e faziam cair os touros na arena.

E, agora, já se sabe: Quando «Quo Vadis?» fôr exibido, um dos principais atrativos e uma das razões do êxito e da verdade da referida passagem fica a ser devida à coragem, à perícia, à audácia dos simpáticos pegadores de touros que de Portugal foram propositadamente a Roma para tornar possível e dar um maior realismo a essas importantes passagens.

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o Licor de Cacau Dubar vem deliciando o paladar dos que sabem escolher. Peça Licor de Cacau Dubar e estará pedindo o melhor.

LICOR DE CACAU DUBAR



em ½ litro ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.° andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

Conserve a sua péle limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS





Pomada
SÃO SEBASTIÃO